



BALANÇO ANUAL DE AÇÕES



OBSERVATÓRIO
DAS BAIXADAS

COPYRIGHT © OBSERVATÓRIO DAS BAIXADAS. ALL RIGHTS RESERVED. 2025

SOBRE O BALANÇO ANUAL

EQUIPE

ANDREW LEAL - COORDENADOR GERAL
WALESKA QUEIROZ - COORDENADORA DE RELAÇÕES PÚBLICAS E INSTITUCIONAIS
JEAN FERREIRA - CONSELHEIRO GESTOR
THUANE NASCIMENTO - CONSELHEIRA GESTORA

SECRETARIA EXECUTIVA

ANDREZA MELO
RUI GEMAQUE

PESQUISA E DESENVOLVIMENTO

ANE PORTILHO
BEATRIZ RIBEIRO
ELINALDO CALDAS
ERIK SILVA
THAILA SILVA
THIAGO FELIZARDO
WESLEY RIBEIRO

COMUNICAÇÃO
AMARÍLIS TAVARES
JULIANE CASTRO

IMAGEM DA CAPA:
© IZABELA CHAVES, TODOS OS DIREITOS RESERVADOS

COPYRIGHT © 2025 OBSERVATÓRIO DAS BAIXADAS. TODOS OS DIREITOS RESERVADOS.

Nenhuma parte desta publicação pode ser copiada ou redistribuída de qualquer forma sem o consentimento prévio por escrito do Observatório das Baixadas, organizações criadoras e representante fiscal.

O Balanço Anual de Ações 2024–2025 do Observatório das Baixadas é um documento de transparência e memória institucional que sintetiza o caminho percorrido por nossa organização ao longo de um ciclo decisivo para a agenda climática e social da Amazônia e das periferias urbanas do Brasil. Ele reúne os principais resultados, parcerias, aprendizados e impactos das iniciativas desenvolvidas entre **Novembro de 2024 e Novembro de 2025** – um período em que consolidamos nossa atuação como **referência em ciência cidadã, tecnologias sociais e incidência política voltadas à justiça racial, social, ambiental e climática territorializada**.

Mais do que um relatório de atividades, este balanço é um registro vivo da construção coletiva que dá sentido ao Observatório: uma rede que nasce das margens, articula saberes populares e científicos e transforma dados em instrumentos de poder para as comunidades das baixadas. Ao longo do período, fortalecemos nossas metodologias de pesquisa, expandimos o alcance do Atlas das Baixadas, ampliamos os processos formativos com jovens e lideranças comunitárias e aprofundamos nossa presença em agendas nacionais e internacionais.

O documento foi estruturado para refletir a diversidade e a complexidade do nosso trabalho. Nele, apresentamos nossas principais frentes de ação, os impactos mensuráveis e as histórias que revelam o significado humano por trás de cada resultado. Também destacamos os avanços na governança institucional, a gestão dos recursos, e a consolidação do Observatório como um ecossistema de Bens Públicos Digitais e não digitais voltados à transformação social, ambiental e política.

Mais do que prestar contas, este balanço celebra um ciclo de amadurecimento coletivo e reafirma o compromisso do Observatório das Baixadas com a construção de futuros possíveis – onde justiça climática, autonomia territorial e inovação caminham juntas para transformar a realidade das periferias brasileiras.

SUMÁRIO

ABERTURA INSTITUCIONAL

P. 04

PESQUISA

P. 13

TECNOLOGIA

P. 23

ADVOGA-SE

P. 36

AÇÕES NA COMUNIDADE

P. 46

IMPACTO

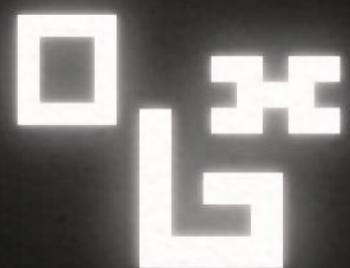
P. 54

OBx NA MÍDIA

P. 65

ESPAÇO DOS PARCEIROS

P. 71



CARTA DOS IDEALIZADORES

Belém do Pará, Outubro de 2025

Nos últimos anos, temos vivenciado intensamente os impactos das mudanças climáticas nas periferias urbanas do Brasil — territórios historicamente excluídos dos espaços de tomada de decisão e dos sistemas de informação que poderiam fortalecer sua capacidade de resposta. Foi a partir desse contexto, e das histórias de vida das comunidades ribeirinhas, favelas e comunidades vulneráveis de baixadas, que nasceu o Observatório das Baixadas (OBx), uma iniciativa independente construída com e para esses territórios, buscando consolidar um ecossistema de conhecimento público, livre e acessível, capaz de transformar a relação entre comunidades, dados e políticas públicas.

Mais do que uma iniciativa, o OBx é um instrumento de autonomia e inovação social. Ele emerge como um motor de Bens Públicos Digitais e Não Digitais, articulando tecnologias, metodologias e conhecimento coletivo voltados para a promoção de soluções impactantes em todos os tipos de periferias e comunidades do Brasil.

Por meio de seu ecossistema de bens públicos, o Observatório impulsiona o desenvolvimento de ferramentas abertas e infraestruturas comunitárias que permitem a livre circulação de dados, informações e tecnologias, bem como a colaboração direta com projetos filantrópicos, iniciativas de impacto social e estratégias de adaptação social e climática em territórios de baixada, periferias e comunidades vulnerabilizadas.

Durante seu primeiro ano de operação, o OBx concentrou seus esforços na criação de projetos estruturantes e na captação de recursos por meio do modelo de Doação de Impacto, priorizando a consolidação de metodologias, tecnologias e equipes comunitárias capazes de sustentar seu ecossistema. Essa escolha refletiu a convicção de que a filantropia de confiança é essencial para validar soluções inovadoras e pavimentar o caminho para novas formas de financiamento. Agora, em 2026, o Observatório também caminha em direção a modelos de Financiamento Misto, integrando capital filantrópico, público e privado em alguns de seus projetos, buscando ampliar iniciativas de tecnologia, produção de dados públicos e infraestrutura verde em comunidades de baixada.

A Teoria da Mudança do OBx parte da premissa de que, quando comunidades periféricas têm acesso a dados, tecnologias e espaços de tomada de decisão, elas transformam a vulnerabilidade em poder e o risco em resiliência. Portanto, o trabalho do Observatório se estrutura em torno de três dimensões interconectadas; o fortalecimento das capacidades locais, que fortalece habilidades de jovens e líderes para o uso estratégico de dados e planejamento territorial; a promoção de oportunidades de geração de renda, como empregos verdes, bolsas de pesquisa e voluntariado; e a defesa e cogestão, conectando comunidades, pesquisadores e gestores públicos para o desenvolvimento de políticas e infraestruturas de adaptação baseadas nas realidades dos territórios.

Ao se consolidar como um motor de bens públicos, o OBx contribui para a criação de uma nova economia de impacto e solidariedade, onde o conhecimento e a tecnologia são ferramentas de transformação social e não de exclusão. Nessa trajetória, reafirmamos que para superar as problemáticas que atingem as comunidades mais vulneráveis é necessário uma sólida inteligência coletiva das comunidades. O Observatório das Baixadas é, portanto, um convite para construir um novo pacto entre ciência, comunidades e justiça, no qual as soluções emergem de baixo para cima, das Baixadas para o mundo.

Com carinho e esperança,

Andrew Leal

Idealizador, Cofundador e Coordenador Geral do OBx

Waleska Queiroz

Idealizadora, Cofundadora e

Coordenadora de Relações Públicas e Institucionais do OBx



DECLARAÇÃO DO CONSELHO

O Observatório das Baixadas é a contra-narrativa de que públicos marginalizados são apenas alvos de pesquisa. Após muitas lutas nas comunidades brasileiras por educação, saúde e saneamento, nós das gerações seguintes começamos nossa jornada com alguns ganhos, sendo um deles o acesso à universidade. Uma vez na academia, nosso olhar para as ementas também se distingue pelas vivências nunca antes faladas em primeira mão pelos nossos. Isso é revolucionário.

Quando o Observatório foi proposto foi muito bem recebido pela COP das Baixadas, pois assim poderíamos também consultar a nós e outras baixadas do Brasil a fim de criar políticas públicas e ciência de nós pra nós. Tenho muito orgulho de fazer parte como conselheiro e espero que essa plataforma possa impulsionar muitos jovens e seus saberes, sejam eles da academia ou de suas vivências e conhecimentos ancestrais.

*Jean Ferreira
Idealizador da COP das Baixadas
Cofundador do OBx*

O Observatório das Baixadas trilha um caminho que considero absolutamente central para o futuro das periferias brasileiras: o fortalecimento de uma produção de ciência que nasce dos territórios, das experiências e das epistemologias das margens. Em um país onde historicamente os conhecimentos produzidos por jovens, pessoas negras, mulheres e pessoas LGBTI+ são deslegitimados, o simples fato de esses sujeitos – que carregam em seus corpos as marcas da exclusão e da marginalização – estarem produzindo conhecimento, tecnologia e ciência a partir de suas realidades concretas já representa um ato político e civilizatório. É um campo de produção que precisa ser resguardado, incentivado e protegido no cenário brasileiro.

Além disso, o Observatório cumpre um papel estratégico ao consolidar a compreensão de que existem múltiplas formas de periferias e de territórios urbanos no país. Muitas vezes, quando se aborda a pauta da periferia em nível nacional, tende-se a homogeneizar experiências e necessidades, apagando as diferenças fundamentais entre territórios. Em um país continental como o Brasil, é essencial reconhecer que as periferias são

diversas: elas se constroem de maneiras distintas em cada estado e município, possuem demandas próprias e exigem políticas e soluções igualmente diferenciadas. É claro que existem convergências e experiências comuns, mas cada território guarda especificidades que precisam ser valorizadas.

Nesse sentido, a existência de organizações como o Observatório das Baixadas é crucial. Ele responde a um território muito particular – as baixadas de Belém e do Norte do Pará –, cuja configuração urbana, ambiental e social demanda análises específicas. O atual contexto de visibilidade proporcionado pela COP30 fortalece esse movimento, mas é fundamental ressaltar que esse reconhecimento não pode ser passageiro. Após a COP, o território permanece; suas desigualdades, potências e conhecimentos continuam a existir e precisam seguir sendo validados, estudados e incorporados às agendas públicas.

Por fim, é importante destacar que as baixadas não são exclusividade de Belém. Existem baixadas, com diferentes características, em diversas regiões do Brasil. Avançar para um segundo passo – a nacionalização da produção de conhecimento sobre esses territórios em suas múltiplas configurações – é um desafio estratégico para os próximos anos. Significa ampliar o que já estamos construindo no Pará, fortalecendo uma rede de reflexão e incidência que reconheça as baixadas como parte fundamental da agenda urbana, climática e democrática do país.

Thuane Nascimento (Thux)
Diretora Executiva do Perifaconnection
Cofundadora do OBx



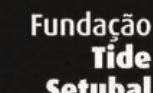


O Observatório das Baixadas é, portanto, um convite para construir **um novo pacto entre ciência, comunidades e justiça**, no qual as soluções emergem de baixo para cima, das Baixadas para o mundo.

COLABORAÇÃO



APOIO



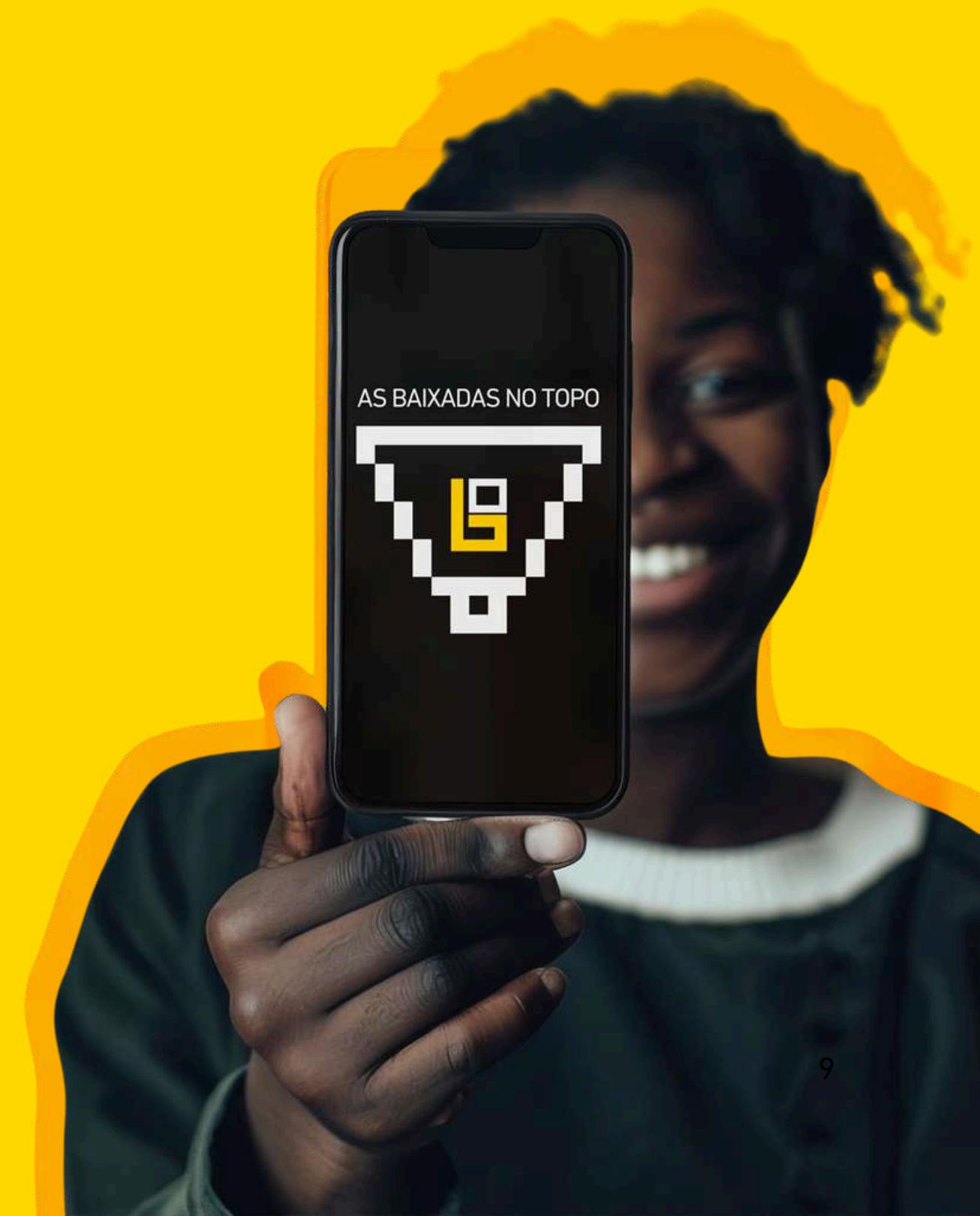
SOBRE O OBSERVATÓRIO DAS BAIXADAS

O Observatório das Baixadas (OBx) é uma iniciativa criada para fortalecer a justiça, social, tecnológica e ambiental/climática em territórios periféricos de Baixada no Brasil, a partir da perspectiva da Amazônia urbana. Seu propósito central é produzir, organizar e democratizar informações sobre as comunidades vulnerabilizadas do país através da produção de ciência e tecnologias periféricas, **de periféricos para periféricos!**

A iniciativa surgiu da articulação entre pesquisadores, lideranças comunitárias e organizações sociais que vivenciam diariamente os impactos da desigualdade social e ambiental. Desde sua criação, operou como um espaço de encontro entre ciência, tecnologia e saberes locais e ancestrais, priorizando metodologias colaborativas e participativas. Essa abordagem garante que as pesquisas tenham uma essência territorial não apenas técnica, mas também socialmente enraizada – refletindo problemas reais, narrativas locais e soluções que emergem de dentro das próprias comunidades.

Uma das frentes estruturantes do Observatório é desenvolvimento de tecnologias, como o **Atlas das Baixadas**, uma plataforma digital aberta que cruza dados públicos com o modelos matemáticos e com dados gerados de maneira cidadã para identificar diversos problemáticas e soluções nas periferias brasileiras. O Atlas é colaborativo, ou seja, qualquer pessoa pode sugerir edições, enviar informações de campo, relatar problemas, indicar soluções comunitárias e contribuir com novas camadas de dados. Com isso, a ferramenta se torna não apenas um repositório, mas um ambiente de governança compartilhada para orientar ações nas comunidades.

O OBx também atua na formação de jovens, na produção de diagnósticos, no apoio à incidência política e na elaboração de propostas para editais e financiamentos voltados às comunidade de baixada e periferias. Assim, o **OBx consolida-se como um instrumento estratégico para que comunidades periféricas impulsionem sua voz, dados e poder de decisão frente às transformações já em curso.**



**ASSISTA NOSSO
VÍDEO COM A BBC
STORYWORKS E
C40 CITIES**



RAISING FLOOD AWARENESS IN A LOWLAND CITY | TRANSFORMING CITIES

From cargo-laden ships to skyscrapers set against blue-tiled buildings, this busy port city is the gateway to the Amazon River. But Belém's location on an archipelago makes it vulnerable to floods. Now, a city-wide effort is engaging locals in flood awareness and prevention.

19 de Jun. 2025



PRODUCED BY **BBC** StoryWorks

MURAL

[ACESSE NOSSA APRESENTAÇÃO INSTITUCIONAL](#)





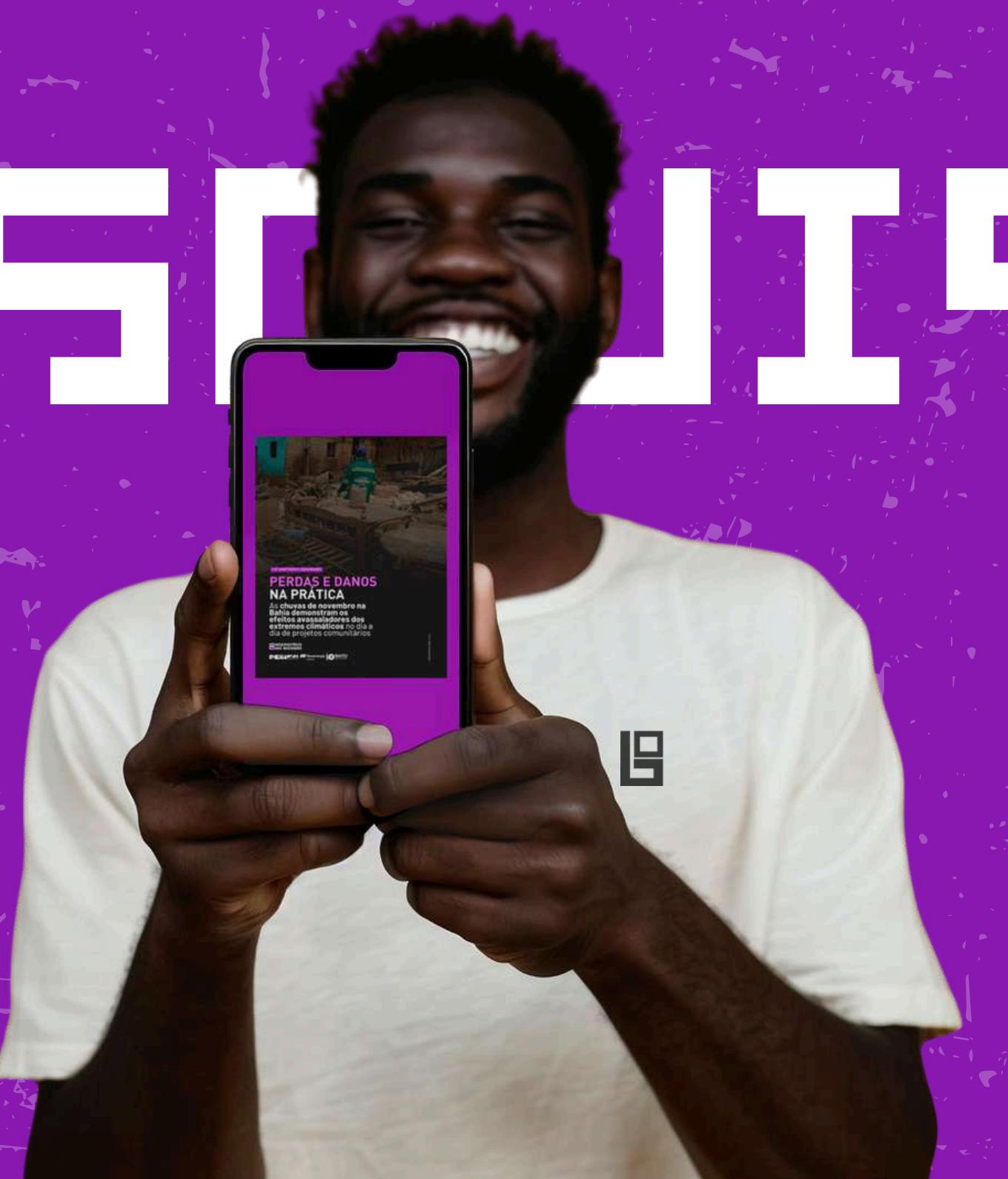
**SER COMUNIDADE É
VIVER O TERRITÓRIO
COMO EXTENSÃO DA
PRÓPRIA VIDA**

OBSERVATÓRIO
DAS BAIXADAS

OBSERVATÓRIO
DAS BAIXADAS

EIXO 1

PESONALIZAÇÃO



A CORAGEM DE PRODUZIR AS NOSSAS PRÓPRIAS LENTES

Em um mundo que insiste em nos ver como números, como objetos de estudo ou como vítimas passivas de um destino inevitável, a nossa mais potente ferramenta de resistência é produzir as nossas próprias lentes. O eixo de Pesquisa do Observatório das Baixadas nasce dessa insubordinação. Ele é o coração pulsante da nossa missão, o motor que nos permite não apenas contestar as narrativas que nos apagam, mas construir, a partir de nossos próprios termos, um conhecimento que sirva à vida, à dignidade e a autonomia de nossos povos.

Nós praticamos o que chamamos de ciência periférica. É uma ciência com os pés no território e os olhos no horizonte. Uma ciência que não se esconde na neutralidade, pois sabe que, em um mundo estruturado pela injustiça, a neutralidade está sempre a serviço do opressor. É um conhecimento rigoroso, crítico e profundamente engajado, liderado e executado por pesquisadores que carregam em seus corpos e em suas histórias as vivências dos territórios que investigam. Para nós, a pesquisa não é um fim em si mesma. É uma ferramenta estratégica de disputa, um ato de reivindicação, um instrumento para municiar nossas comunidades na luta por um futuro onde as baixadas brasileiras e as periferias do mundo não sejam mais postas como zonas de sacrifício.



*“NÃO SE PODE
CONSTRUIR
CONHECIMENTO SOBRE
NÓS, SEM NÓS.”*

Ao longo do ciclo 2024-2025, nossas pesquisas mergulharam nas múltiplas e sobrepostas crises que nos atravessam: a emergência climática, o racismo ambiental, a violência de Estado e a geopolítica da espoliação. As páginas a seguir não apresentam um resumo de “descobertas”, mas um convite para enxergar o mundo através de nossas lentes. Um convite para compartilhar da coragem de transformar dados em denúncia, e denúncia em ação.

PRODUZIMOS 16 PESQUISAS EM 1 ANO

Com essas pesquisas,
alcançamos **62.638 leitores**
nos nossos canais de mídia

A seguir apresentamos algumas das
pesquisas mais lidas:



ANATOMIA DE UMA EMERGÊNCIA NACIONAL

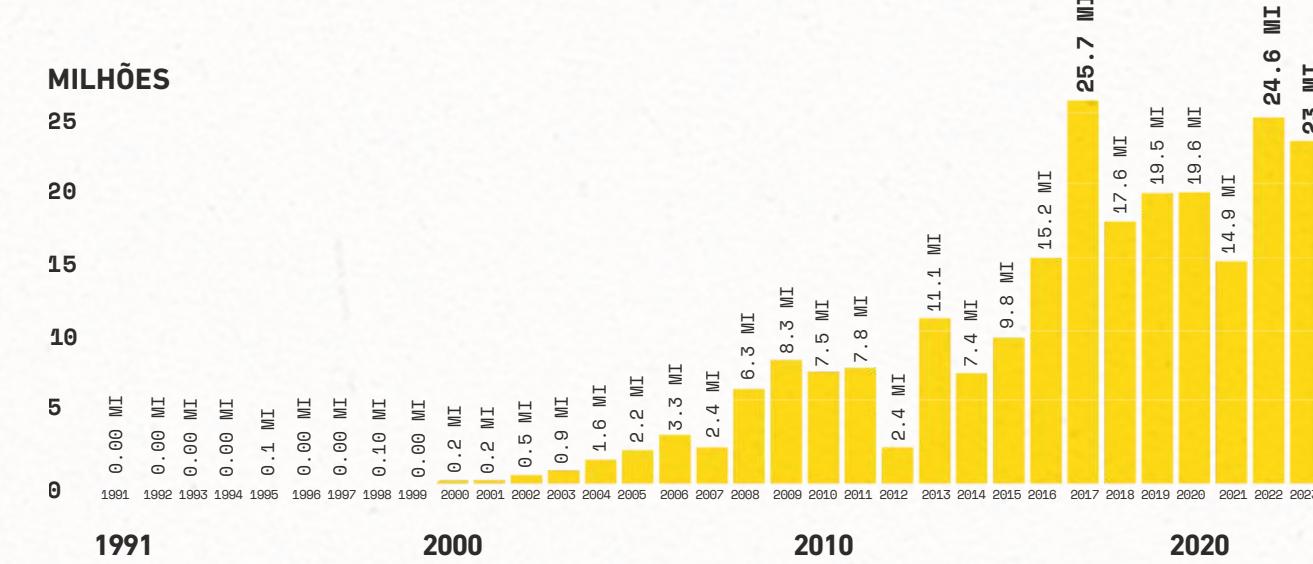
Antes de podermos agir, precisamos compreender a dimensão do desafio. A crise climática no Brasil é frequentemente retratada como uma ameaça abstrata ou futura. Nossa primeira tarefa, portanto, foi traduzir essa emergência em uma realidade inegável, mapeando sua escala e sua frequência em todo o território nacional. Usamos dados públicos, muitas vezes subutilizados ou de difícil acesso, para pintar um retrato fiel e alarmante do nosso tempo.

O BRASIL EM 33 ANOS DE DESASTRES CLIMÁTICOS

As chuvas que destroem, a seca que castiga, o fogo que consome a floresta. Esses não são eventos isolados. São parte de um padrão que se intensifica ano após ano. Para quantificar essa realidade, nossos pesquisadores mergulharam nos registros do Sistema Integrado de Informações sobre Desastres (S2ID), compilando e analisando uma série histórica de 33 anos (1991-2023). O resultado é o mais completo panorama já produzido sobre o tema por uma organização da sociedade civil.

TOTAL DE AFETADOS NO BRASIL POR DESASTRES AO LONGO DOS ANOS (1991 - 2023)

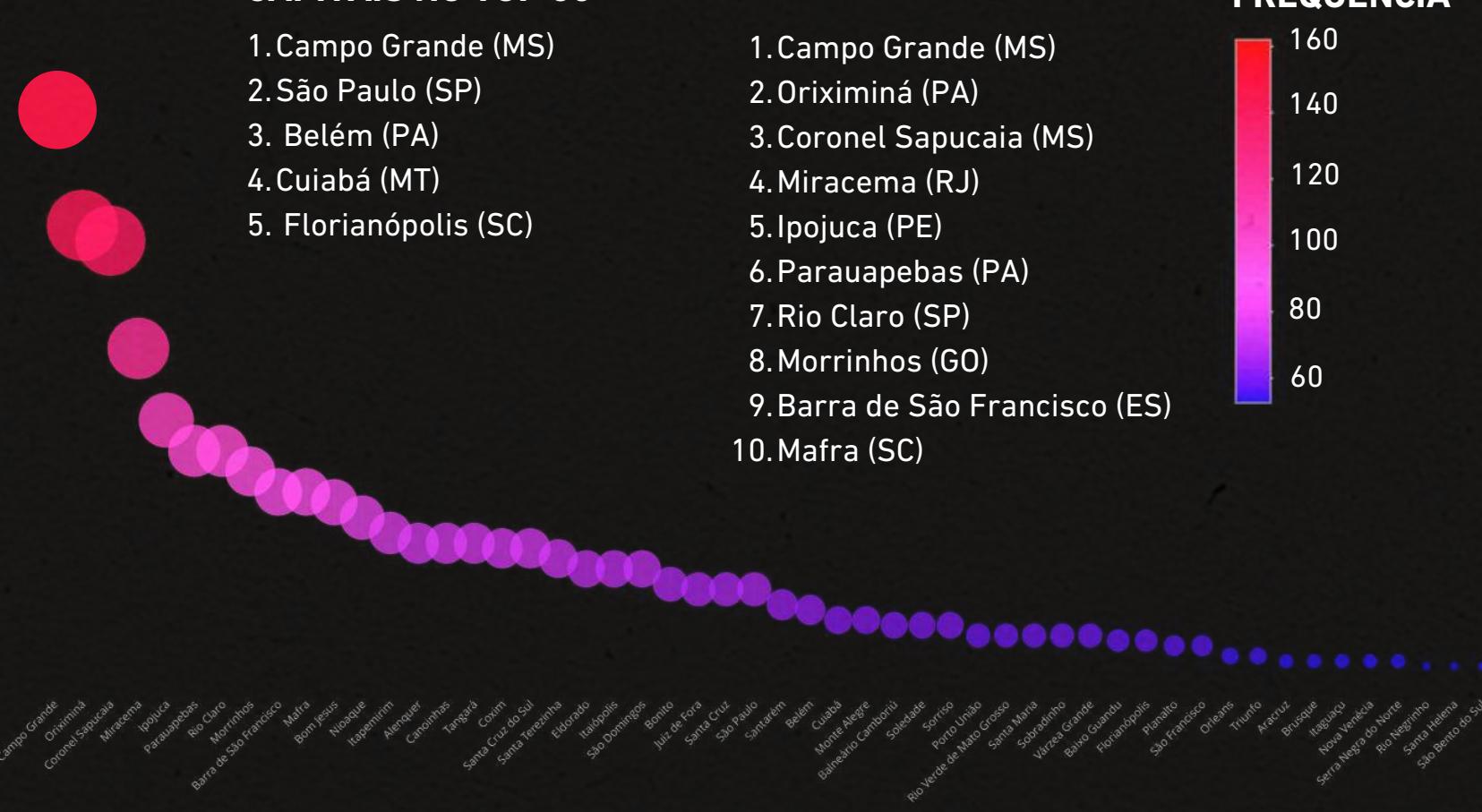
DADOS: SISTEMA INTEGRADO DE INFORMAÇÕES SOBRE DESASTRES
FONTE: SECRETARIA NACIONAL DE PROTEÇÃO E DEFESA CIVIL – SEDEC



Os números são indigestos: 67,3 milhões de pessoas foram diretamente afetadas por desastres no Brasil nesse período. Quase um terço da população do país. A maior parte (45,6%) foi vítima da seca e da estiagem, mas os eventos hidrológicos, como enxurradas, alagamentos e inundações, somam mais de 22 milhões de afetados, revelando a face mais violenta e imediata da crise climática nas cidades.

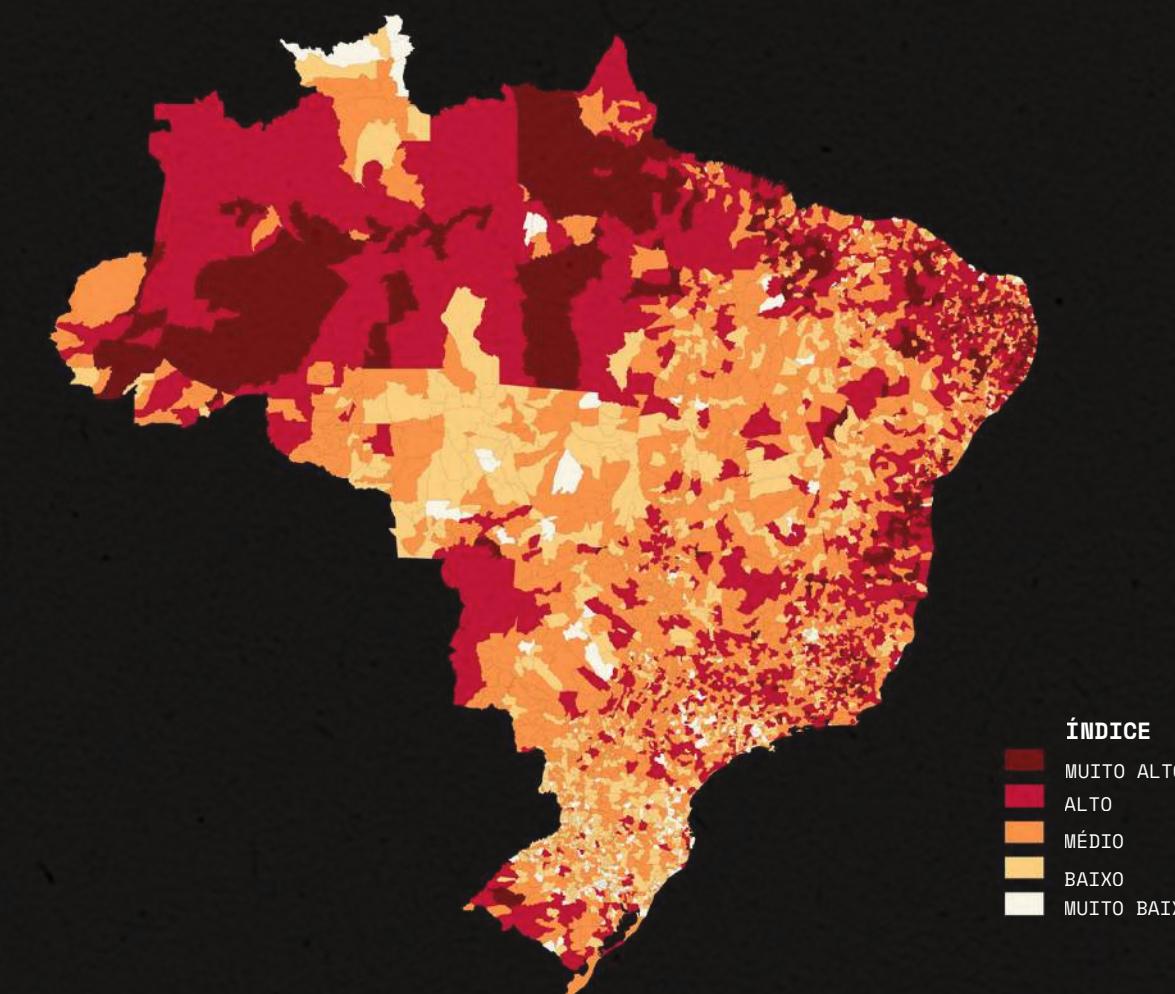
50 MUNICÍPIOS COM MAIS REGISTRO DE DESASTRES (1991 - 2023)

DADOS: SISTEMA INTEGRADO DE INFORMAÇÕES SOBRE DESASTRES
SISTEMATIZAÇÃO: OBSERVATÓRIO DAS BAIXADAS



ÍNDICE DE RISCO DE IMPACTO DAS MUDANÇAS CLIMÁTICAS NOS MUNICÍPIOS BRASILEIROS, CONSIDERANDO A AMEAÇA DE DESASTRE GEO-HIDROLÓGICO

DADOS: SISTEMA DE INFORMAÇÕES E ANÁLISES SOBRE IMPACTOS DAS MUDANÇAS CLIMÁTICAS / MCTI
SISTEMATIZAÇÃO: OBSERVATÓRIO DAS BAIXADAS



LEIA NA ÍTEGRA

A GEOGRAFIA DA TEMPESTADE: QUEM SÃO OS MAIS IMPACTADOS?

Se a análise histórica nos deu a escala do problema, era preciso entender quem são os mais atingidos no presente. Focamos nossa lupa no período mais crítico das chuvas no Brasil, de janeiro a abril de 2025. Analisamos os dados de 566 estações do Instituto Nacional de Meteorologia (INMET) para identificar onde as tempestades – a combinação perversa de chuva intensa e ventos fortes – foram mais severas.

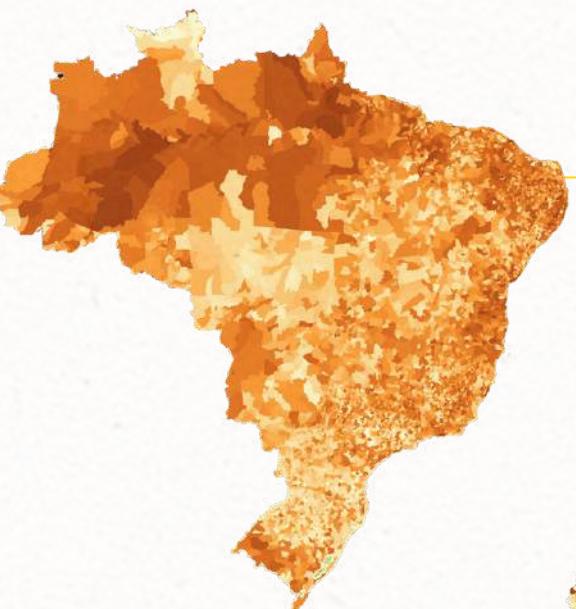
O mapa que emergiu dessa análise é a geografia da injustiça. Cidades como Porangatu (GO) e Santa Maria das Barreiras (PA) apareceram no nível “Crítico”, mas o padrão se repetiu em todo o país: as áreas de maior impacto são sistematicamente as periferias, as favelas, as baixadas. São nesses territórios, desprovidos de infraestrutura básica de saneamento e prevenção, que uma tempestade se transforma em tragédia.

O estudo foi além e qualificou os tipos de perdas e danos que essa população enfrenta: a perda financeira da geladeira levada pela água; o dano ao patrimônio da casa construída com uma vida de trabalho; o risco biológico das doenças que brotam da lama; e o desgaste psicológico de viver sob o medo constante da próxima chuva. A pesquisa provou que, no Brasil, a vulnerabilidade climática tem CEP e, como veríamos a seguir, também tem cor.

[LEIA NA ÍNTEGRA](#)

No Brasil,

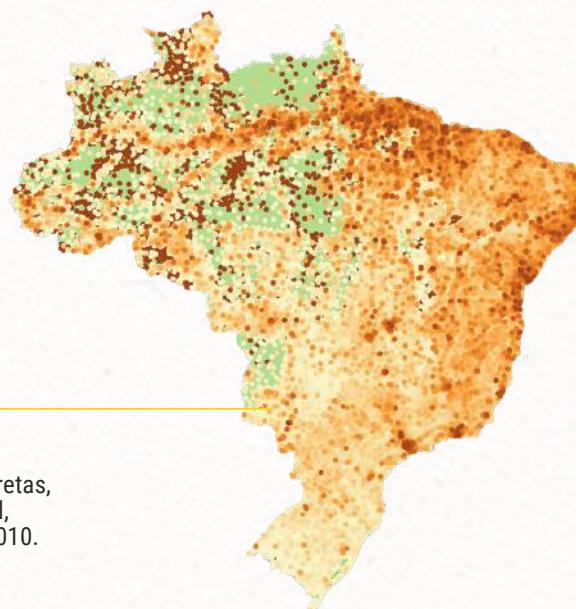
COM EXCEÇÃO DE TERRITÓRIOS COMO O RIO GRANDE DO SUL, OS DADOS NOS DIZEM QUE QUANTO MAIS NEGRA E INDÍGENA É UMA REGIÃO, MAIS VULNERÁVEL ELA ESTÁ NO ÂMBITO SOCIOAMBIENTAL.



RISCO GEOHIDROLÓGICO

ÁREAS EM RISCO GEO-HIDROLÓGICO
(ADAPTA BRASIL, 2024)

O mapa mostra as áreas do Brasil com maior risco geo-hidrológico, destacando em tons mais escuros as regiões mais vulneráveis a inundações, enxurradas e deslizamentos.



RAÇA

CONCENTRAÇÃO DE
PESSOAS PRETAS, PARDAS
E INDÍGENAS (IBGE, 2010)

Os dados demonstram os territórios com maior concentração de pessoas Pretas, Pardas e Indígenas no Brasil, segundo o Censo do IBGE 2010.

MAPEANDO O RACISMO AMBIENTAL

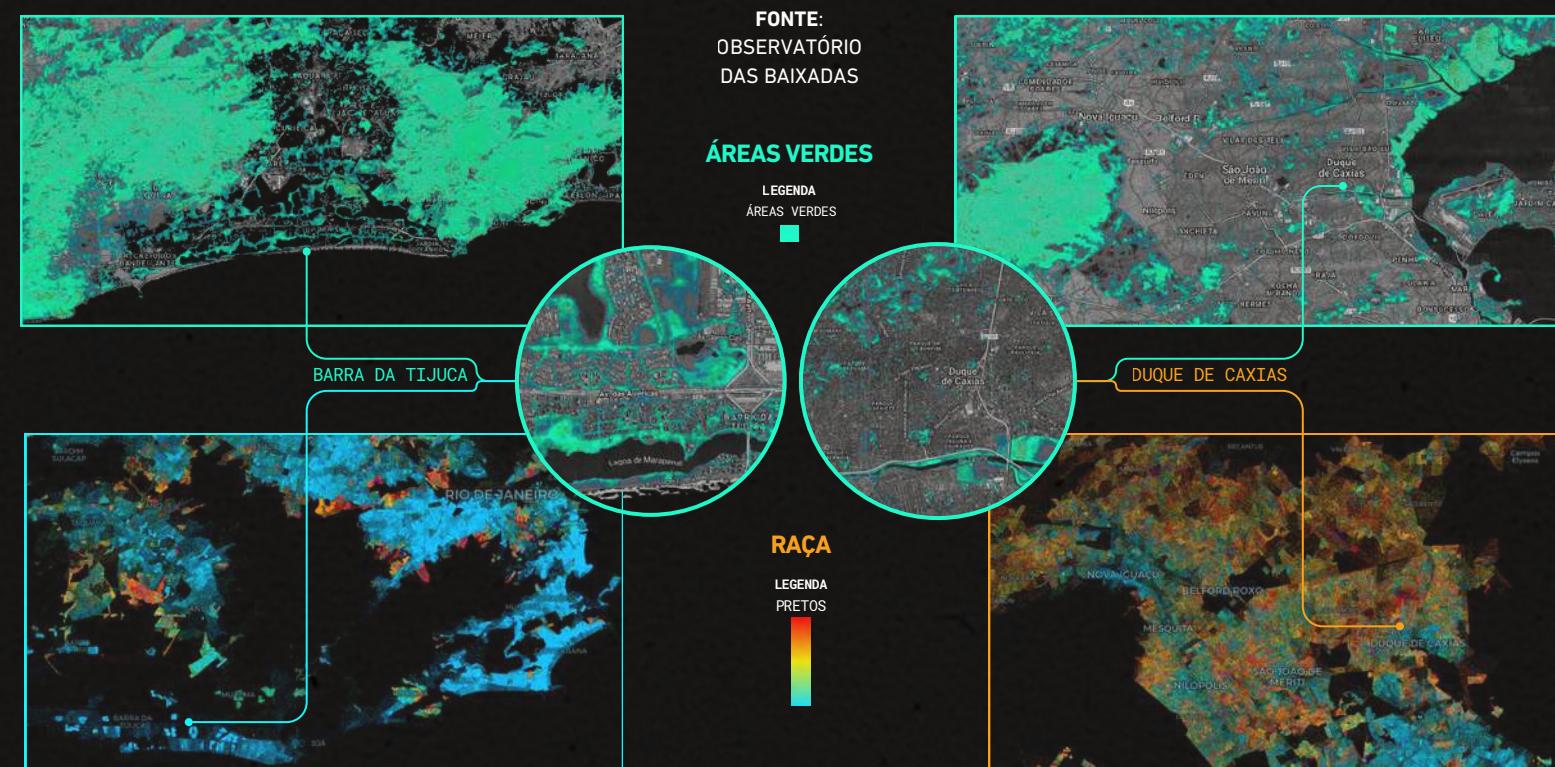
Não existe crise climática sem crise racial. No Observatório das Baixadas, o conceito de racismo ambiental não é um jargão acadêmico, mas a realidade que estrutura nossas vidas e nossas pesquisas. Ele nomeia o processo histórico e sistêmico pelo qual os impactos da degradação ambiental são distribuídos de forma desigual, afetando desproporcionalmente populações negras, tradicionais, indígenas e periféricas. Nossas investigações neste eixo buscaram expor as estruturas desse sistema, tornando visível o que o poder público insiste em ignorar.

ARBORIZAÇÃO: UM PRIVILÉGIO CLIMÁTICO

Imagine caminhar pelas ruas arborizadas e frescas de um bairro nobre de sua cidade. Agora, imagine caminhar sob o sol escaldante em uma periferia onde o cinza do concreto predominam na paisagem. Essa diferença, que pode parecer trivial, é uma questão de vida ou morte. É um privilégio climático. Nossa pesquisa de maior repercussão, "Raça e Arborização", escancarou essa desigualdade. Cruzamos dados de arborização urbana com dados de raça em capitais como Rio de Janeiro, Belém e Recife. O resultado é um retrato da base ambiental brasileira.

Em Belém, sede da COP30 e uma das cidades que mais aquecem no mundo, bairros de maioria branca como Nazaré e Umarizal são verdadeiros oásis verdes. A poucos quilômetros, em bairros de maioria negra como Jurunas e Guamá, a ausência de árvores cria ilhas de calor insuportáveis. O estudo foi pioneiro ao conectar essa desigualdade no acesso a áreas verdes com os impactos na saúde pública, citando dados que mostram que o calor extremo mata, e mata principalmente pessoas negras. A conclusão é um chamado à ação: arborizar as periferias não é paisagismo, é uma política de saúde pública e de reparação racial urgente.

ANÁLISE DA DIFERENÇA DE ARBORIZAÇÃO ENTRE A BARRA DA TIJUCA (RJ) E A REGIÃO DA VILA OPERÁRIA (DUQUE DE CAXIAS)



LEIA NA ÍNTEGRA

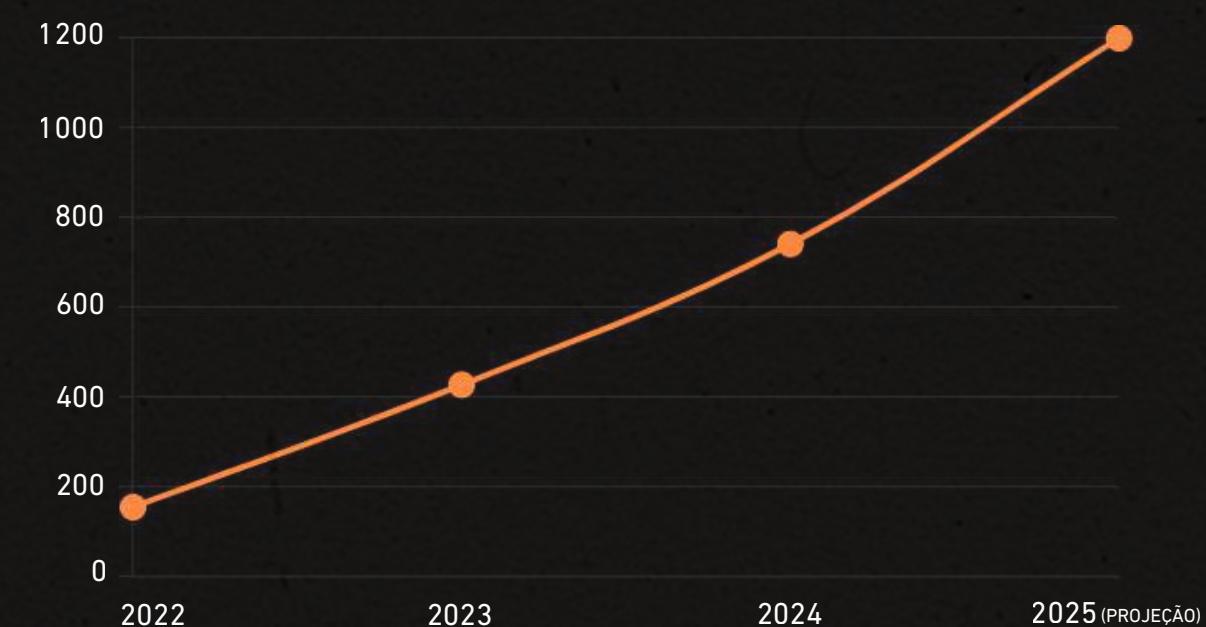
O CORPO COMO TERRITÓRIO: SAÚDE E TRABALHO SOB O SOL

Ampliando a lente do racismo climático, nossa pesquisa sobre "Mudanças Climáticas e a Saúde dos Trabalhadores" investigou como o calor extremo afeta o corpo de quem não tem o privilégio do ar-condicionado. Focamos em categorias profissionais racializadas e sob exposição: garis, catadores de materiais recicláveis, trabalhadores da construção civil, agricultores.

Para eles, o aumento da temperatura não é uma notícia no jornal, mas uma ameaça diária que se manifesta na exaustão, na insolação, na desidratação e em outras suscetibilidades. A pesquisa documentou como a crise climática intensifica a precarização do trabalho, tornando o próprio ato de ganhar a vida um risco à saúde. Ao dar nome e rosto a essa população, o estudo argumenta que qualquer política de transição justa precisa, fundamentalmente, garantir a dignidade e a segurança do corpo trabalhador que constrói e garante a manutenção das nossas cidades.

LEIA NA ÍNTÉGRA

CRESCIMENTO DAS DENÚNCIAS DE TRABALHO SOB CALOR EXTREMO (2022-2024)



FONTE: MINISTÉRIO PÚBLICO DO TRABALHO (2025), OIT (2024), AGÊNCIA BRASIL (2024), REPÓRTER BRASIL (2024)

O PERFIL NA...

CONSTRUÇÃO CIVIL

NEGRO, TEM CERCA DE 41 ANOS, ENSINO FUNDAMENTAL INCOMPLETO, EM **MODO INFORMAL**, E COM RENDA MÉDIA DE R\$ 2.116,13.

CBIC. ESTUDO MOSTRA PERFIL DO TRABALHADOR DA CONSTRUÇÃO CIVIL. DISPONÍVEL EM: <https://cbic.org.br/estudo-mostra-perfil-do-trabalhador-da-construcao-civil/>

ENTREGA DE APlicativo

PRETOS E PARDOS, PERTENCENTES À CLASSE C, COM IDADE MÉDIA DE 33 ANOS E ENSINO MÉDIO COMPLETO, + 40% **TRABALHAM MAIS DE 60 HORAS SEMANAS**, E GANHAM ATÉ 3 SALÁRIOS MÍNIMOS

UNICAMP. DOSSIÉ DAS VIOLAÇÕES DOS DIREITOS HUMANOS NO TRABALHO UBERIZADO. DISPONÍVEL EM: <https://dossies-dos-direitos-humanos-no-trabalho-uberizado-0-case-dos-moto-prestistas-na-cidade-de-campinas/>

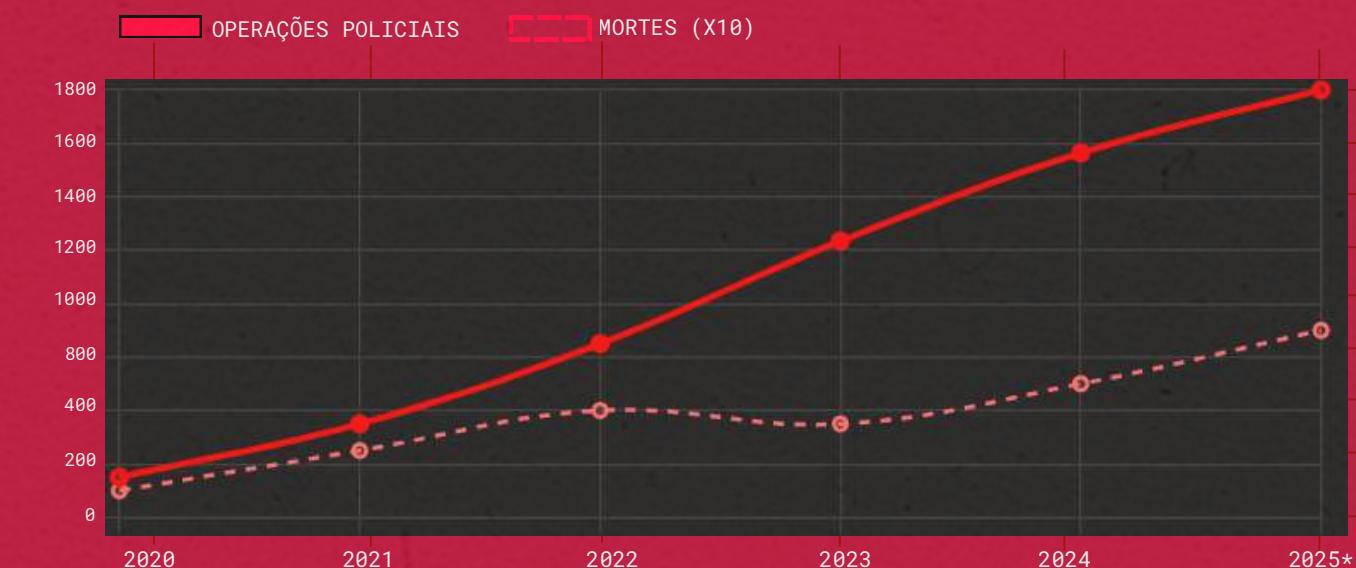


A ARQUITETURA DA LETALIDADE ESTATAL

BRUTALIDADE POLICIAL NA BAIXADA FLUMINENSE

A pesquisa Brutalidade Policial nas Comunidades da Baixada Fluminense expôs, com base em dados sistematizados, a continuidade de um padrão de violência estatal que transforma o cotidiano das periferias em cenário permanente de exceção. O estudo reuniu informações oficiais, relatos de organizações de direitos humanos e coberturas jornalísticas para analisar as mortes de pessoas inocentes entre janeiro de 2024 e junho de 2025, demonstrando que a Baixada segue sendo o território mais vulnerabilizado pelas operações da PMRJ. Casos como o de Herus Guimarães, assassinado em 06/06, deixam evidente que não se trata de eventos isolados, mas de um modelo de atuação que incide de forma desproporcional sobre corpos negros, jovens e periféricos, revelando um projeto de segurança pública que opera pela lógica da letalidade.

Os dados analisados escancaram essa dinâmica: apenas no primeiro semestre de 2024 foram registradas 782 operações na região – o equivalente a quatro por dia – e, entre 2020 e 2023, houve um crescimento de 250% no número de incursões armadas. A letalidade dessas operações é 51% maior na Baixada do que na capital, com municípios como Duque de Caxias, São João de Meriti e Belford Roxo concentrando o maior número de mortes. O perfil das vítimas confirma o caráter racializado desse processo: 73% são pessoas negras, majoritariamente homens entre 12 e 24 anos, e entre 2019 e 2023 pessoas negras morreram 6,4 vezes mais que brancas em ações policiais no estado. Esses achados dialogam com as demais linhas de pesquisa do Observatório, reforçando que a violência policial compõe o mesmo sistema de desigualdades socioambientais que atravessa a vida nas baixadas.



CRESCIMENTO EXPONENCIAL DA VIOLENCIA POLICIAL EM OPERAÇÕES NAS FAVELAS E COMUNIDADES DA BAIXADA FLUMINENSE

ENTRE JANEIRO DE 2020 E MAIO DE 2025

FONTE: DIVERSAS, TAIS COMO IDMJR, FÓRUM GRITA BAIXADA, ISP-RJ
SISTEMATIZAÇÃO: OBSERVATÓRIO DAS BAIXADAS

A pesquisa também demonstra a profunda ineficácia do modelo atual: embora mais de 30% das operações do estado ocorram na Baixada, a região responde por apenas 7,7% das apreensões de drogas, e raramente registra confiscos de grande impacto, mesmo após R\$ 17,8 bilhões investidos em segurança pública. O gráfico de retorno sobre investimento, apresentado no relatório, evidencia o desequilíbrio entre o baixo resultado operacional e o altíssimo custo humano imposto às comunidades. A conclusão é inequívoca: a violência policial na Baixada Fluminense não melhora os indicadores de segurança, mas reforça a lógica de controle territorial e a normalização da morte como ferramenta de gestão pública. Com esta pesquisa, o Observatório das Baixadas contribui para romper o silêncio estatístico e político que sustenta essa estrutura, oferecendo dados rigorosos para fortalecer estratégias de incidência, denúncia e defesa dos direitos humanos no território.

LEIA NA ÍNTEGRA

GEOPOLÍTICA DA DESTRUÇÃO E ANÁLISE GLOBAL

A luta por justiça climática não tem fronteiras. As mesmas lógicas de espoliação que condenam nossos territórios se repetem em outras periferias do mundo. Por isso, nosso núcleo de pesquisa em assuntos internacionais se dedica a aplicar a mesma lente crítica para analisar como a crise climática é mobilizada como ferramenta de opressão em conflitos globais, em um ato de solidariedade e de produção de conhecimento contra-hegemônico.

O CLIMA COMO ARMA: TERRORISMO CLIMÁTICO EM GAZA

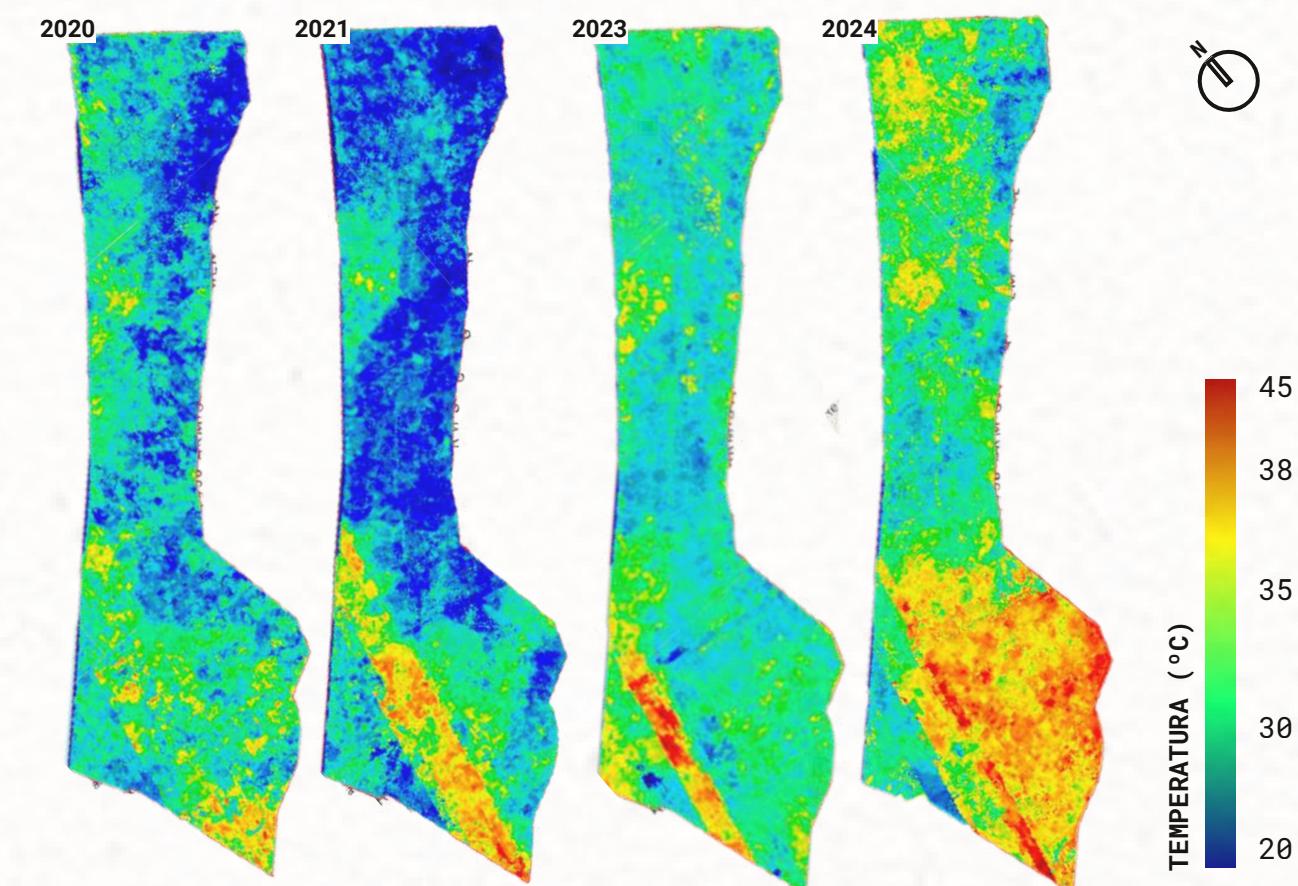
Diante da devastação na Palestina, não poderíamos ficar em silêncio. Nossa edição especial “O Clima como Arma em Gaza” foi uma das primeiras análises a nível global a investigar a destruição ambiental deliberada como uma estratégia de guerra, um ato que cunhamos de terrorismo climático.

Utilizando imagens de satélite e a análise do Índice de Vegetação (NDVI), nossos pesquisadores revelaram um colapso ecológico sem precedentes. Entre outubro de 2023 e junho de 2024, 83% de toda a vegetação da região foi destruída. Isso inclui a aniquilação de 70% das terras agrícolas, pomares e mais de 3.700 estufas. A destruição não é um “dano colateral”, é um projeto.

Ao destruir a capacidade palestina de produzir alimentos e ao eliminar a vegetação que ameniza o calor extremo, transforma-se o próprio clima em uma arma de extermínio, intensificando uma catástrofe humanitária e ecológica. Esta pesquisa, produzida no Sul Global, em solidariedade a outro povo do Sul Global, representa a essência da nossa visão: usar nossas ferramentas e nosso conhecimento para denunciar a injustiça, onde quer que ela esteja.

ANÁLISE DO TEMPERATURA SUPERFICIAL (LST) NO TERRITÓRIO DE GAZA. COMPARATIVO DOS ANOS 2020, 2021, 2022 E 2024

LST é uma técnica de medição da temperatura da superfície da Terra por meio de sensores espaciais que captam a radiação infravermelha



PRODUÇÃO: OBSERVATÓRIO DAS BAIXADAS
FONTE: LEAL (2025)

LEIA NA ÍNTEGRA

OBSERVATÓRIO
DAS BAIXADAS

EIXO 2

TECNOLOGIA



TECNOLOGIA

HACKEANDO O SISTEMA:

TECNOLOGIA A SERVIÇO DAS PERIFERIAS

No imaginário dominante, a tecnologia de ponta pertence às corporações do Vale do Silício, aos governos vigilantes, aos centros de poder. É uma força que otimiza, que extraí, que controla. No Observatório das Baixadas, nós nos propusemos a subverter essa lógica. Partimos da convicção de que as mesmas ferramentas usadas para nos oprimir podem ser reapropriadas, ressignificadas e transformadas em instrumentos para a nossa emancipação. Como aprendemos com o Mestre Nego Bispo, estamos reeditando nossas narrativas. Nosso eixo de Tecnologia não se trata de criar “soluções” para as periferias; trata-se de construir, a partir das periferias, as tecnologias que sonhamos para o mundo.

Nossas plataformas não são apenas códigos e servidores. Elas são a materialização digital da nossa visão política. São Bens Públicos Digitais (BPDs), que nascem com a missão de democratizar o acesso à informação, de fortalecer a organização comunitária e de tecer novas possibilidades de futuro. Cada linha de código é escrita com intencionalidade. Cada interface é desenhada com cuidado. Cada plataforma é uma trincheira na luta por justiça social, racial e climática.

Neste capítulo, apresentamos as quatro tecnologias centrais desenvolvidas pelo OBx no ciclo 2024-2025. Elas são a prova de que a inovação mais radical não vem dos centros de poder, mas das margens criativas e insurgentes que se atrevem a hackear o sistema para construir um novo cosmo.

ATLAS DAS BAIXADAS



PAINEL CLIMÁTICO



PARA NÓS, A **TECNOLOGIA** NÃO É NEUTRA. ELA PODE SER UMA FERRAMENTA DE CONTROLE E OPRESSÃO, OU PODE SER UMA **FERRAMENTA DE AUTONOMIA E RESILIÊNCIA**. NÓS ESCOLHEMOS A SEGUNDA OPÇÃO.

ATLAS

DAS BAIXADAS

O MAPA QUE NOS COLOCA NO MAPA

Mapas sempre foram ferramentas de poder. Historicamente, eles serviram para demarcar territórios a serem conquistados, para apagar presenças indesejadas e para impor uma visão de mundo onde alguns existem e outros não. Para as favelas, quilombos e baixadas do Brasil, a invisibilidade cartográfica é uma violência antiga. Como lutar por um território que, aos olhos do Estado, sequer existe? Como reivindicar direitos para uma população que não consta nos mapas oficiais de risco?

O Atlas das Baixadas nasceu para responder a essa violência com uma estratégia de resiliência: o mapeamento cidadão. É a nossa recusa em sermos apagados. É a nossa afirmação, em dados e polígonos, de que nós existimos, nós estamos aqui e nossos territórios importam.

O Atlas é mais do que um mapa. É uma máquina de raios-X que revela as estruturas profundas da injustiça socioambiental brasileira. Sua interface, construída sobre uma base de código aberto, permite o cruzamento de múltiplas camadas de dados, e é nessa sobreposição que a verdade se torna inegável.

A ferramenta é uma plataforma cartográfica interativa que integra, em um único ambiente, bases oficiais (IBGE, INMET), modelos ambientais (HAND Global), dados meteorológicos em tempo real (precipitação e intensidade de chuva) e visualizações avançadas em 2D, 3D e globo. Tecnicamente, o sistema opera por camadas ativáveis, com controle de opacidade e consulta direta a feições, permitindo cruzar favelas e comunidades vulnerabilizadas, regiões de inundação, estações meteorológicas e concentração populacional por Raça. Esse arranjo transforma dados complexos em leitura territorial acessível, possibilitando análises espaciais imediatas sobre risco climático, ocupação urbana e infraestrutura precária.

O diferencial central do Atlas está no módulo de geração cidadã de dados, que permite que moradores desenhem pontos e polígonos, classifiquem suas contribuições (questionamento de dados oficiais, denúncias socioambientais, zonas de resiliência e memória ou histórias do território) e salvem essas informações diretamente no banco da plataforma. Cada contribuição gera um objeto geográfico persistente, com atributos editáveis, identificação única e possibilidade de anexar evidências, colocando o conhecimento comunitário no mesmo plano técnico do dado institucional. Assim, o Atlas não apenas representa as baixadas, mas corrige ausências históricas da cartografia oficial e reconhece as comunidades como produtoras legítimas de informação territorial.

OBSERVATÓRIO DAS BAIXADAS

TECNOLOGIA

ACESSE O ATLAS

The image displays three screenshots of the Observatório das Baixadas web application, showing different features and map layers.

- Screenshot 1:** A 3D map view of a coastal urban area. A red polygon is selected, and a modal window shows its details:
 - Polígono salvo no banco**: ID: b60fe371-5ba3-4d1a-ac2f-f70f223be4d8
 - Tipo**: Questionamento
 - Descrição**: essa região é periférica, portanto, o IBGE não a considera.
 - Editar descrição**
 - Remover**
- Screenshot 2:** A 3D map view of a coastal urban area. A modal window titled "Escolher Local no Mapa" is open:
 - Localização:** Centro atual do mapa
 - Descrição da Contribuição:** Conte sua história sobre este local...
 - Nome do colaborador:** [Input field]
 - Contato do colaborador(opcional):** [Input field]
 - Caso seja uma Zona de Resiliência, compartilhar rede social ou contato da Zona:** [Input field]
 - Anexar mídia**
 - Enviar Contribuição**
- Screenshot 3:** A 3D map view of a rural or semi-rural area. A modal window titled "Camadas do Mapa" is open, showing various map layers:
 - Favelas e Comunidades vulnerabilizadas** (selected)
 - Imagens satélite**
 - PPI - Concentração**
 - Risco Geohidrológico**
 - Estações Meteorológicas do INMET**
 - Regiões de Inundação (Hand Global)**

Below this, a section for "Intensidade de Precipitação" is shown with a slider set to 45%.



“É a partir do diálogo com os territórios que construímos nossas ações de forma coletiva. Quando moradoras e moradores compartilham vivências como alagamentos, ondas de calor, falta d’água e falhas de infraestrutura, essas experiências se transformam em dados que fortalecem instrumentos como o Atlas das Baixadas e contribuem para a formulação de políticas públicas.”

-Waleska Queiroz, cofundadora



Conectando
juventudes das
periferias à
oportunidades verdes



TECENDO BAIXADAS CONECTANDO JUVENTUDES, TECENDO FUTUROS

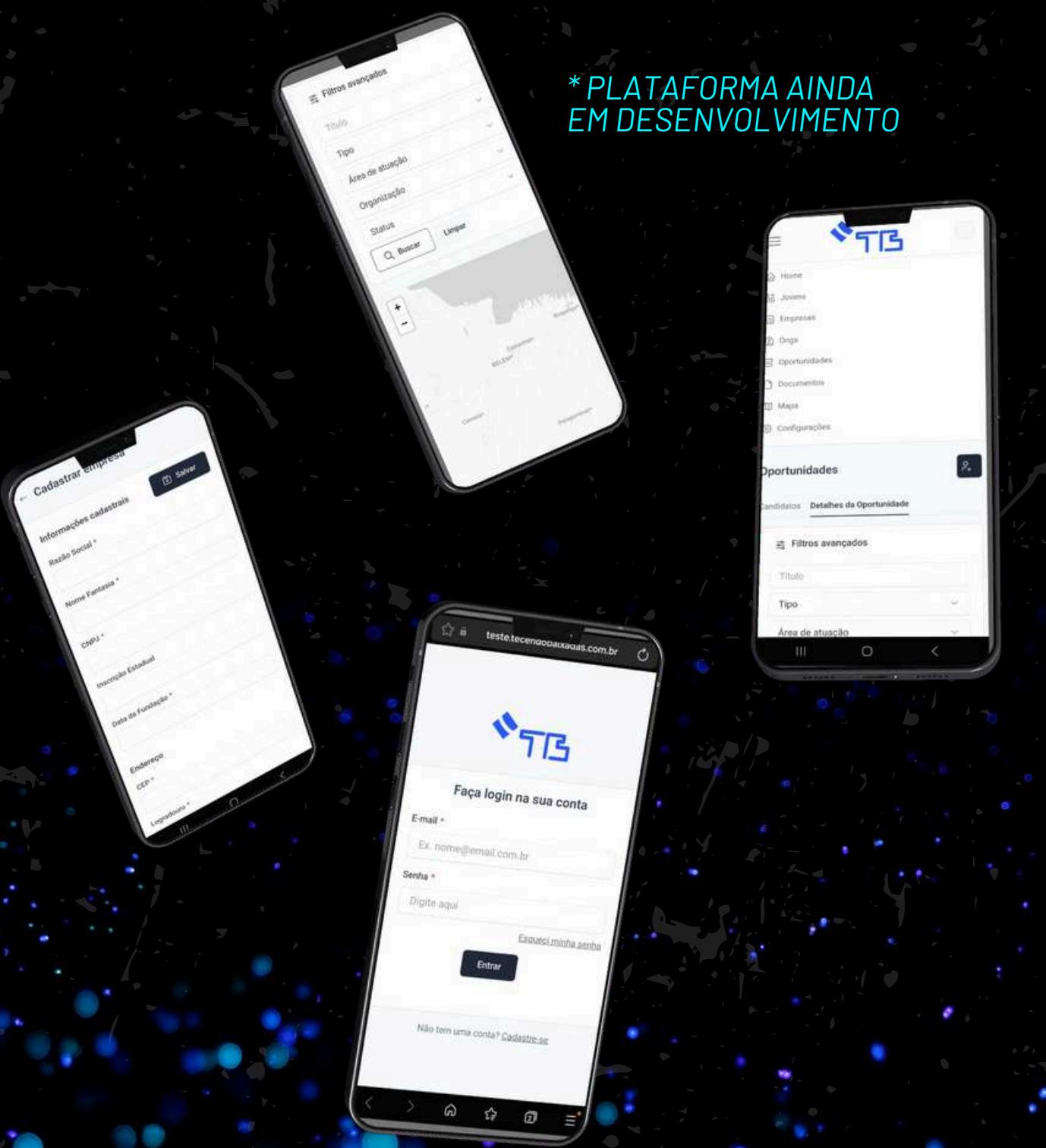
Historicamente, as oportunidades sempre circularam por redes fechadas, distantes dos territórios periféricos. Para adolescentes e jovens das baixadas, o acesso a informação qualificada, formação ambiental e empregos verdes é atravessado por desinformação, ausência de redes institucionais e exclusão digital. Essa desigualdade não é falta de interesse, mas falta de infraestrutura social e tecnológica que reconheça esses jovens como sujeitos do futuro climático.

O Tecendo Baixadas nasce como resposta direta a esse bloqueio estrutural. É uma estratégia de justiça climática voltada à juventude periférica, que entende que transição ecológica sem inclusão social aprofunda desigualdades. Ao criar pontes entre escolas, ONGs, empresas e territórios, o projeto transforma interesse difuso em trajetórias reais de formação, trabalho e pertencimento socioambiental.

Mais do que uma plataforma, o Tecendo Baixadas é um Bem Público Digital orientado pelo cuidado. Sua arquitetura foi pensada para acolher adolescentes – inclusive menores de idade – com segurança, linguagem acessível e identidade visual próxima do universo juvenil. A proposta é simples e radical: fazer da tecnologia um espaço seguro para sonhar futuros possíveis e acessíveis dentro do próprio território.

O Tecendo Baixadas articula tecnologia, educação ambiental e desenvolvimento comunitário como partes inseparáveis. Ele não prepara jovens apenas para “entrar no mercado”, mas para compreender seu papel na crise climática, fortalecer vínculos territoriais e ocupar, com legitimidade, os espaços da economia verde. Tecnicamente, a plataforma opera como uma rede digital de oportunidades verdes, estruturada em múltiplos ambientes: jovens, empresas, ONGs e instituições parceiras. Cada perfil possui funcionalidades específicas – desde trilhas formativas, histórico de candidaturas e mapas georreferenciados até gestão de vagas, projetos e indicadores sociais – integradas em um único ecossistema digital.

O diferencial central do Tecendo Baixadas está na sua inteligência orientadora e ética: um chatbot educacional baseado em IA com modelo RAG, alimentado por bases verificadas, que acompanha os usuários de forma pedagógica, segura e contextualizada. Assim, o projeto transforma tecnologia em política pública viva, costurando pontes entre juventudes periféricas, oportunidades verdes e futuros climáticos possíveis. **A plataforma segue ainda em desenvolvimento para o seu lançamento oficial na internet.**





TRADUZINDO A CIÊNCIA DO CLIMA

Para quem vive em uma casa na beira de um rio ou em uma encosta de morro, a previsão do tempo não é uma curiosidade. É uma informação vital. Saber se a chuva que se aproxima será uma chuva leve ou uma tempestade com potencial para destruir tudo pode significar a diferença entre salvar seus pertences ou perdê-los, entre se proteger a tempo ou ser pego de surpresa. No entanto, as informações meteorológicas de qualidade costumam estar trancadas em linguagem técnica e em plataformas complexas, inacessíveis para a maioria da população.

O painel OBx de Olho no Clima é a nossa resposta a esse problema. Ele funciona como um grande tradutor. Nós pegamos os dados brutos e os mapas de alta tecnologia de plataformas como o Windy.com e os transformamos em informação clara, acessível e diretamente relevante para a realidade das nossas comunidades.

O painel não é apenas uma coleção de mapas. É uma ferramenta pedagógica. Nós não mostramos apenas o mapa de "Temperatura de Bulbo Úmido"; nós explicamos o que ele significa na prática: "este é o ponto em que o corpo perde a capacidade de se resfriar, e o risco de insolação se torna crítico". Não mostramos apenas a camada de "PM 2.5"; nós traduzimos: "esta é a poluição fina que entra no seu pulmão e pode agravar a asma do seu filho".

O painel está organizado em quatro grandes áreas de preocupação para as periferias:

- **Tempestades e Chuvas Extremas:** Permite visualizar a intensidade da chuva que está por vir, diferenciando uma precipitação leve de um evento com potencial para enchentes.
- **Calor e Temperatura Extremos:** Alerta para as perigosas ondas de calor e para a sensação térmica real, crucial em territórios com pouca arborização.
- **Qualidade do Ar Extrema:** Monitora poluentes como NO₂, SO₂ e material particulado, além de perigo de incêndio, conectando a crise climática a problemas de saúde respiratória.
- **Alertas Climáticos Extremos:** Centraliza e "traduz" os alertas oficiais de órgãos como o INMET, transformando o jargão técnico em avisos comprehensíveis e acionáveis.

Ao fazer essa curadoria e tradução, o OBx de Olho no Clima cumpre um papel fundamental de letramento climático. Ele empodera as pessoas com conhecimento, permitindo que elas tomem decisões mais seguras para si e para suas famílias. É a ciência do tempo, finalmente, falando a língua do povo. É a tecnologia servindo como um escudo, e não como um mistério, para os mais vulneráveis.

ACESSE O PAINEL

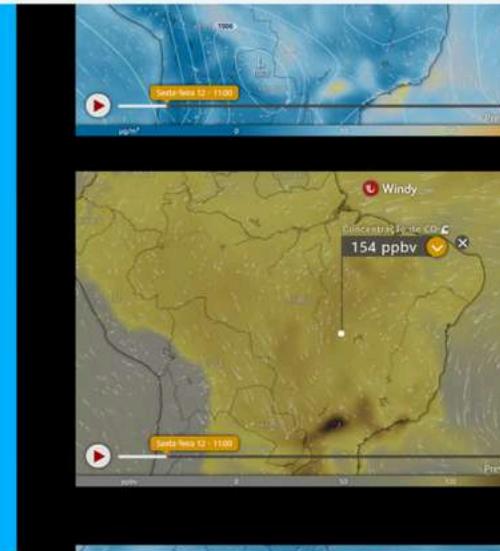
ventos e focos de incêndio.

CONCENTRAÇÃO DE CO

A camada de CO em ppbv indica a concentração de monóxido de carbono na atmosfera e ajuda a identificar fontes de poluição e queimadas. Valores entre 50 e 120 ppbv representam o nível natural do ar limpo. De 120 a 200 ppbv, há leve elevação típica de áreas urbanas modernas. Entre 200 e 400 ppbv, o CO já mostra tráfego intenso ou início de queimadas. Fauzes de 400 a 800 ppbv indicam queimadas ativas ou poluição severa. De 800 a 1200 ppbv, surgem plumas fortes de fogo. Acima de 1200 ppbv, há eventos extremos, como grandes incêndios e plumas que viajam longas distâncias.

AERROSSOL (AOD)

A camada de Aerossol, medida pelo índice AOD, indica a quantidade de partículas suspensas na atmosfera e quanto elas bloqueiam a luz solar. Valores baixos ($AOD < 0.1$) representam ar limpo, enquanto valores acima de 0.6 revelam alta concentração associada a queimadas, poeira ou poluição urbana. O mapa usa cores que vão de tons claros, indicando pouca presença de partículas, até tons escuros.



OBSERVATÓRIO DAS BAIXADAS EM PARCERIA COM Windy.com

OBx DE OLHO NO CLIMA

DECLARAÇÃO: Os mapas exibidos abaixo são de propriedade da plataforma Windy.com. Estão sendo incorporados neste site apenas para fins didáticos e informativos, sem fins lucrativos. Todos os direitos sobre os dados, visualizações e funcionalidades pertencem ao Windy.com.

Apresentamos aqui uma série de camadas do app Windy e explicamos elas para você!



TEMPERATURA DE BULBO ÚMIDO (°C)

A camada de Temperatura de Bulbo Úmido combina temperatura e umidade, indicando o limite de resfriamento do corpo humano pelo suor. Medida em graus Celsius, ela reflete diretamente o nível de estresse térmico. Valores até 20 °C indicam conforto, entre 20 °C e 24 °C, desconforto; entre 25 °C e 28 °C, estresse elevado; acima de 28 °C, risco alto; e próximos de 32–35 °C podem ser potencialmente fatais. As cores reforçam o alerta: amarelos indicam segurança, laranjas mostram aumento do risco e vermelhos representam perigo extremo. A interpretação deve considerar também vento e umidade, que reduzem a capacidade do corpo de dissipar calor.

TEMPESTADE

A camada Tempestades (Densidade de Raios) mostra a previsão de atividade elétrica nas tempestades, indicando quantos raios devem ocorrer em uma determinada área em raios por quilômetro quadrado (/km²). As cores no mapa ajudam a entender a intensidade: tons frios ou ausência de cor indicam pouca ou nenhuma atividade elétrica, enquanto cores quentes como amarelo, laranja, vermelho e roxo representam maior densidade de raios e, portanto, maior risco de tempestades severas. A linha do tempo permite visualizar como a atividade elétrica pode evoluir nas próximas horas ou dias. Essa camada é essencial para prever áreas de perigo, evitar exposição a raios e planejar com segurança, especialmente se combinada com outras camadas como Chuva, Trovão e Radar Meteorológico, oferecendo uma visão completa da severidade de uma tempestade.



PAINEL CLIMÁTICO

DADOS PARA ENXERGAR A AMAZÔNIA URBANA

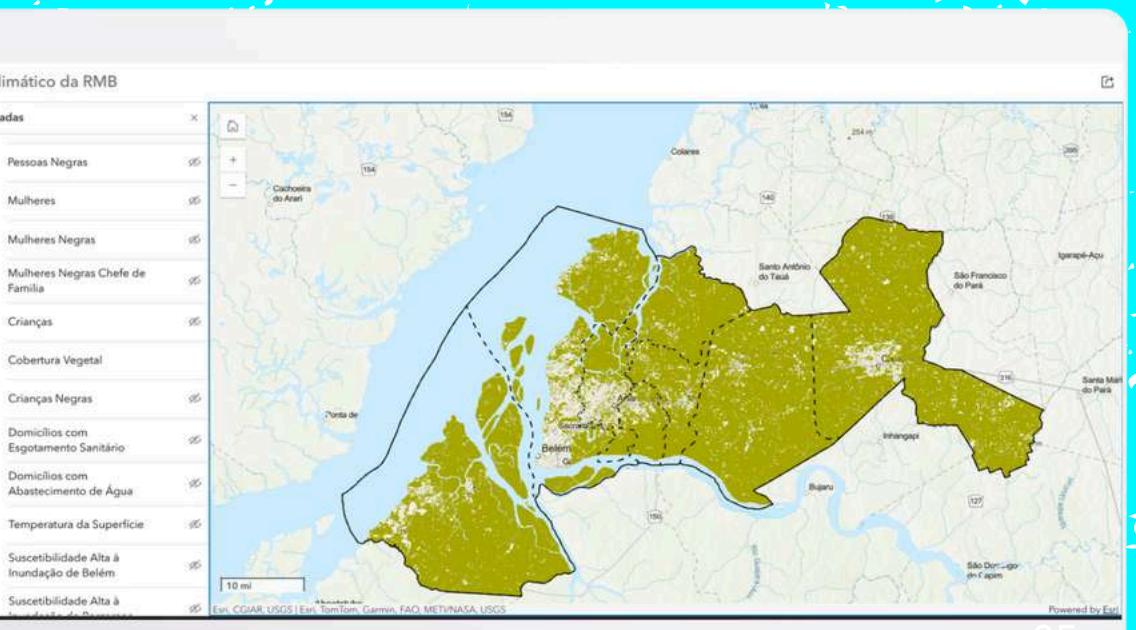
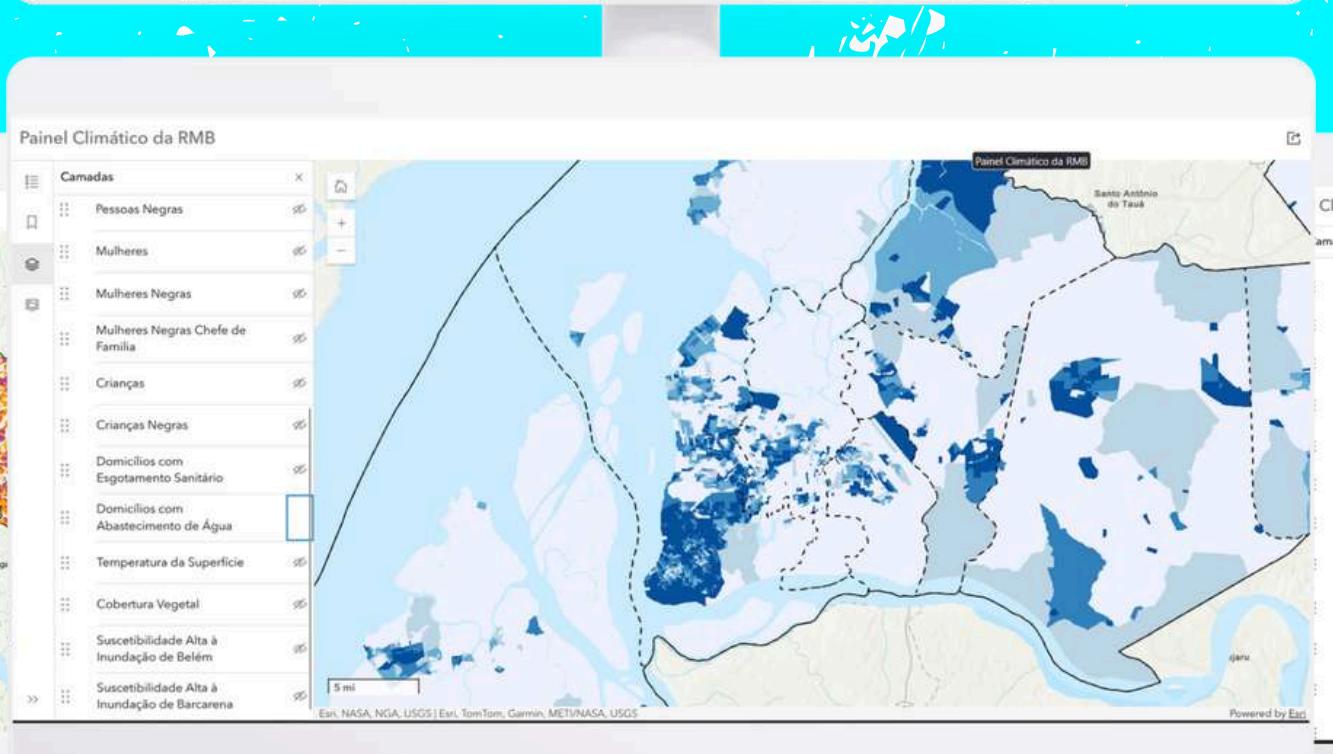
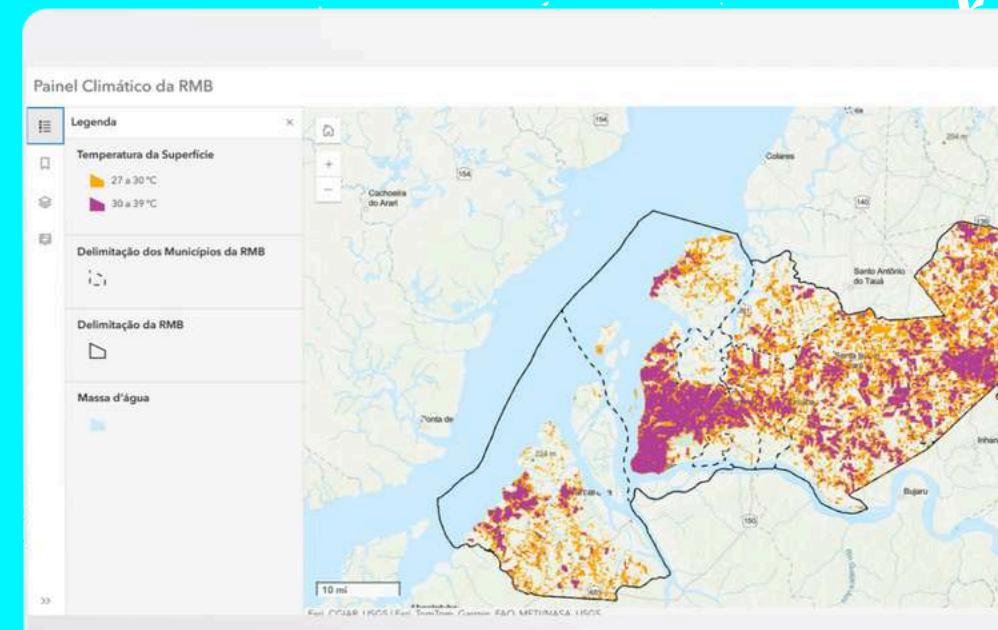
O Painel Climático da Região Metropolitana de Belém representa um marco na produção de dados climáticos territorializados na Amazônia urbana, ao reunir, sistematizar e traduzir informações que historicamente estiveram dispersas, inacessíveis ou invisibilizadas. Inspirado na experiência do Painel Climático da Região Metropolitana do Rio de Janeiro, o painel de Belém é a primeira replicação metodológica desse tipo em contexto amazônico, incorporando indicadores comparáveis a outras metrópoles, mas também variáveis sensíveis às especificidades locais. Ao reconhecer que mais de 70% da população amazônica vive em cidades marcadas por profundas desigualdades socioambientais, o painel rompe com o imaginário que reduz a Amazônia à floresta e coloca a metrópole – e seus conflitos – no centro do debate climático.

Os dados evidenciam que a Região Metropolitana de Belém é majoritariamente negra e profundamente desigual: cerca de 75% da população se identifica como negra, com forte concentração de mulheres negras na chefia de domicílios localizados em favelas e áreas vulnerabilizadas. O painel revela como raça, gênero e território estruturam o acesso desigual à infraestrutura urbana, ao saneamento básico e às condições de habitabilidade. Em municípios da RMB, menos da metade

dos domicílios possui acesso simultâneo à água e ao esgotamento sanitário, e essa ausência se intensifica exatamente nos territórios onde vivem mulheres negras e famílias de baixa renda. Ao espacializar esses dados, o painel explicita o racismo ambiental como eixo central da crise climática urbana em Belém.

Além da infraestrutura, o painel demonstra que a emergência climática se materializa cotidianamente no calor extremo e no risco de inundação. Mais de 68% da população da RMB vive em áreas com temperaturas superficiais acima de 30 °C, sendo a maioria pessoas negras, com destaque para mulheres negras responsáveis por domicílios. Em Belém, mais da metade da população está exposta a alto risco de inundação, novamente com predominância de população negra e feminina entre os mais afetados, inclusive crianças. Ao integrar dados climáticos, demográficos e territoriais, o Painel Climático de Belém se consolida como uma ferramenta estratégica para o planejamento urbano, a incidência política e a justiça climática, fortalecendo a atuação do Observatório das Baixadas na produção de evidências que partem do território para transformar políticas públicas.

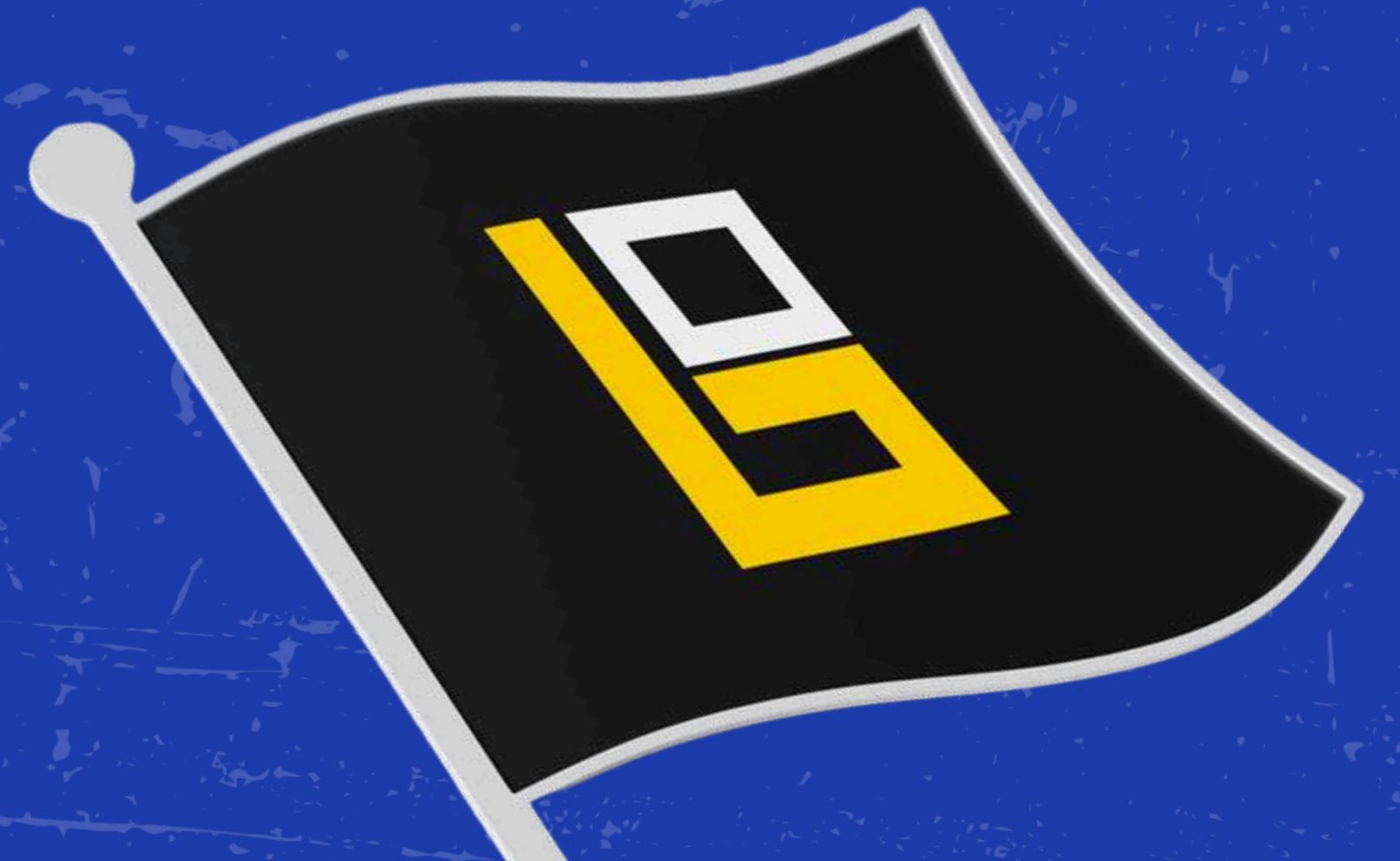
ACESSE O PAINEL



OBSERVATÓRIO
DAS BAIXADAS

EIXO 3

ROUOGAÇE



SOCIALBIOECONOMY

The sustainable economy values integrated, harmonized and diversified production by indigenous peoples, social communities and sustainable management of natural resources in the Amazon. This economy is based on the principles of environmental compatibility, social prosperity, community development, conserving natural resources, the right to live well, autonomy from the forest, and the right to self-determination. It is based on the principles of respect for the environment, knowledge, sustainable development, and the right to self-determination. It is based on the principles of respect for the environment, knowledge, sustainable development, and the right to self-determination.

BRASIL
at COP29

BRASIL

ADVOGA-SE

A LUTA POR UMA ESCUTA REAL

A palavra “Advocacy”, muitas vezes envolta em jargões técnicos e nos corredores de poder de Genebra e Nova Iorque, pode parecer um conceito abstrato, distante da realidade dos territórios periféricos e vulnerabilizados, das casas de palafita e da vida pulsante das baixadas. Mas para nós, do Observatório, **“advogar” é a tradução de uma prática ancestral de nossas comunidades: a luta.** É a estratégia de transformar a dificuldade em proposta, a dor em dado, a resistência em política pública. É a recusa em sermos apenas objeto de estudo ou alvo de políticas pensadas para nós, mas sem nós. É a afirmação de que somos sujeitos políticos, produtores de conhecimento e protagonistas na construção de nosso próprio futuro.

Nosso advocacy não acontece apenas nos salões acarpetados das Nações Unidas. Ele nasce nas oficinas de cartografia em uma escola pública, cresce nos diálogos com lideranças comunitárias, ganha corpo nas pesquisas que denunciam o racismo ambiental e explode nos palcos globais onde, finalmente, conseguimos furar o bloqueio e fazer nossa voz ser ouvida. Cada painel, cada reunião, cada entrevista, cada marcha é um ato de teimosia. **É a nossa forma de dizer ao mundo: vocês não decidirão nosso futuro sem nós.**

Este capítulo narra a jornada de um ano de incidência política do Observatório das Baixadas. É a história de como um grupo de jovens da periferia amazônica viajou do seu território para o centro do debate climático global, não para pedir, mas para exigir com base em dados. Não para ser ouvido, mas para ser protagonista. É um relato denso, que reflete a intensidade de uma luta travada em múltiplas frentes, do local ao global, da rua às salas de negociação.

**O advoga-se é a
nossa forma de dizer
ao mundo: vocês não
decidirão nosso
futuro sem nós.**

INCIDÊNCIA EM ARENAS GLOBAIS DE GOVERNANÇA CLIMÁTICA

A participação em fóruns internacionais, especialmente nas Conferências das Partes (COPs) da UNFCCC, representa um pilar central da estratégia de advocacy do OBx. Estes espaços, embora complexos e muitas vezes restritivos, são as arenas onde as regras da governança climática global são definidas. A presença do OBx nestes fóruns visa a um duplo objetivo: influenciar as negociações oficiais com dados e perspectivas do Sul Global e, ao mesmo tempo, construir alianças e dar visibilidade internacional às pautas das periferias amazônicas.

A ATUAÇÃO NA COP 29

A participação na COP 29 marcou a estreia do Observatório no principal palco da diplomacia climática. Com o apoio do Instituto Neoenergia, a delegação do OBx teve uma atuação focada em três eixos:

- **Produção de Conteúdo e Disseminação de Dados:** O painel "Das favelas às baixadas: organizações periféricas no enfrentamento ao racismo ambiental", realizado no Pavilhão Brasil, foi um dos eventos de maior audiência, demonstrando o interesse global por narrativas e soluções que emergem de territórios vulnerabilizados. A apresentação se baseou em dados primários do OBx para argumentar que o racismo ambiental é um fator estruturante da vulnerabilidade climática no Brasil, uma tese que foi recebida com grande interesse por acadêmicos, financiadores e outras organizações da sociedade civil.
- **Monitoramento e Incidência em Negociações:** A equipe acompanhou ativamente as salas de negociação dos Planos Nacionais de Adaptação (PNAs) dentro do G77, a principal coalizão de nações em desenvolvimento. O objetivo era compreender as barreiras e oportunidades para a inclusão de perspectivas territoriais e de justiça racial nos instrumentos de planejamento climático nacionais, além de estabelecer um diálogo técnico com negociadores de outros países do Sul Global.
- **Articulação de Redes e Parcerias:** A presença em Baku permitiu a construção de alianças estratégicas, como o convite para integrar o Pavilhão Water For Climate na COP 30 e o estabelecimento de um canal de diálogo com a Cumbre de los Pueblos, fortalecendo a articulação com movimentos sociais da América Latina.

ASSISTA A NOSSA PARTICIPAÇÃO



PAINEL 20 - PAVILHÃO BRASIL COP 29

Painel 20: Das favelas às baixadas: organizações periféricas no enfrentamento ao racismo ambiental, construindo caminhos de adaptação climática no Brasil

14 de Nov. 2024



INCIDÊNCIA EM POLÍTICAS PÚBLICAS NACIONAIS

Paralelamente à atuação global, o OBx dedicou esforços significativos para influenciar a formulação e a implementação de políticas públicas no Brasil. A estratégia se baseia na premissa de que a mudança estrutural depende da capacidade de traduzir dados e demandas territoriais em instrumentos legais e normativos.

A DISPUTA PELOS DADOS: INCIDÊNCIA NO CENSO 2030

Uma das ações de maior potencial de impacto a longo prazo ocorreu em maio de 2025, durante o XXI ENANPUR, o principal encontro de planejamento urbano do país. A convite do IBGE, o OBx participou de uma mesa de trabalho com a Secretaria Nacional de Periferias para discutir a metodologia do Censo Demográfico de 2030. Na ocasião, a equipe do OBx apresentou um estudo técnico sobre a tipologia das baixadas, argumentando, com base em dados do Atlas, que a categoria “aglomerado subnormal” é insuficiente para capturar a diversidade e a complexidade das periferias brasileiras. A proposta central foi a de co-desenvolver, junto ao IBGE e a movimentos sociais, uma nova metodologia de classificação territorial que reconheça as especificidades das baixadas, quilombos urbanos e outras configurações territoriais. A iniciativa abriu um canal de diálogo técnico com o IBGE e posicionou o OBx como um ator qualificado no debate sobre a produção de dados oficiais.

ASSISTA A NOSSA PARTICIPAÇÃO



DIÁLOGO COM O SETOR PÚBLICO E A ACADEMIA

A incidência nacional também se deu através da participação em espaços de debate qualificado. No Museu Emílio Goeldi, o OBx promoveu uma crítica técnica ao modelo de megaevento da COP 30, apontando os riscos de exclusão social e “greenwashing”. Na 4ª Conferência Nacional Sustentabilidade Brasil 2025, a cofundadora Waleska Queiroz apresentou uma análise sobre o potencial da Inteligência Artificial para a construção de resiliência climática em periferias. No VI Fórum Amazônico de Relações Internacionais, a organização contribuiu para inserir a perspectiva da Amazônia urbana no debate geopolítico.

Cada um desses espaços foi uma oportunidade para disseminar as pesquisas e tecnologias do OBx, mas, principalmente, para demonstrar a capacidade da “ciência periférica” de produzir conhecimento rigoroso e relevante para o planejamento de políticas públicas.



A ESTRATÉGIA PARA A COP 30

Sediada em Belém, a COP 30 representou uma oportunidade única e uma imensa responsabilidade. A estratégia do OBx foi multifacetada, visando ocupar espaços e influenciar debates em todas as zonas do evento, com uma agenda de mais de 20 ações coordenadas.

Na Blue Zone (Zona de Negociação): A incidência foi direcionada a temas específicos. Em parceria com a ONU Imigração e a Fundação Boticário, o OBx co-organizou um painel sobre “Soluções Baseadas na Natureza e Migrações Climáticas”, apresentando dados sobre como a degradação ambiental em periferias pode acelerar deslocamentos forçados. Em outro painel, no espaço da Neoenergia, o foco foi o debate sobre emprego verde para a juventude, conectando a transição energética com a geração de oportunidades para jovens de territórios vulnerabilizados. A articulação Sul-Sul foi fortalecida no pavilhão da Tailândia, em um evento do Global Fund for Children que promoveu o diálogo entre juventudes da Amazônia e do Sudeste Asiático.

Na Green Zone (Zona da Sociedade Civil): Este foi o principal palco para o lançamento e a disseminação das tecnologias e pesquisas do OBx. O evento “Das Baixadas ao Mundo” marcou o lançamento da nova versão do Atlas das Baixadas. O Painel Climático da Região Metropolitana de Belém, desenvolvido com o CBJC e a Casa Fluminense, foi apresentado no pavilhão do CAU-PA. A incidência em políticas públicas se deu em um painel com o Secretário Nacional de Periferias no espaço do Ministério da Cultura, onde se debateu governança territorial e direito à cidade.

Nas amarelas e paralelas: A estratégia incluiu ações para conectar o debate da COP com a realidade local. A participação na Barqueata da Cúpula dos Povos com uma embarcação própria foi um ato de comunicação política. O lançamento do livro “Periferias e Racismo Ambiental” na Yellow Zone do bairro do Jurunas e o debate sobre dados e segurança pública com o Instituto Fogo Cruzado na Casa do Povo buscaram traduzir a agenda climática para pautas concretas das comunidades.

A preparação para esta maratona incluiu a realização de uma simulação da COP 30 para 20 jovens e uma participação ativa na COY 20 (Conferência da Juventude), visando capacitar uma nova geração de negociadores e ativistas.



ACESSE NOSSAS
REDES SOCIAIS PARA
ACOMPANHAR TUDO
QUE ROLOU

ACESSE AQUI

OBSERVATÓRIO
DAS BAIXADAS

EIXO 4

COLABORAÇÃO E COMUNICAÇÕES



A METODOLOGIA DE ENGAJAMENTO TERRITORIAL DO OBSERVATÓRIO DAS BAIXADAS



A atuação do Observatório das Baixadas (OBx) se fundamenta em um princípio metodológico central: a co-criação. Este conceito, para o OBx, transcende a ideia de participação comunitária e se estabelece como um processo contínuo de construção conjunta de conhecimento, tecnologias e soluções. A premissa é que as comunidades periféricas não são meramente beneficiárias de projetos, mas sim agentes centrais na produção de dados, na análise de problemas e no desenvolvimento de estratégias de adaptação climática. A co-criação, portanto, é o eixo que conecta a pesquisa, a tecnologia e o advocacy à realidade vivida nos territórios.

Este capítulo se dedica a analisar as diversas frentes de atuação comunitária do OBx ao longo do ciclo 2024-2025. As ações aqui descritas ilustram a aplicação prática de uma metodologia que busca equilibrar o rigor técnico com o saber local, promovendo o letramento climático, a geração cidadã de dados e o fortalecimento de lideranças locais. O foco não está apenas nas entregas, mas nos processos de diálogo, formação e mobilização que garantem a apropriação das ferramentas e a sustentabilidade das soluções propostas.

A METODOLOGIA DE ENGAJAMENTO TERRITORIAL DO OBSERVATÓRIO DAS BAIXADAS

O primeiro pilar da estratégia de co-criação consiste em criar uma base de conhecimento compartilhado. Ações de formação e letramento climático são essenciais para qualificar o debate nos territórios, instrumentalizar lideranças e engajar a juventude na agenda climática. Estas ações são desenhadas não como uma transmissão vertical de conhecimento, mas como um diálogo que valoriza e se integra aos saberes locais.

A DISPUTA PELOS DADOS: INCIDÊNCIA NO CENSO 2030

Iniciado no primeiro semestre de 2025, o **Círculo de Oficinas de Geração Cidadã de Dados** foi a principal iniciativa de formação do período. Com foco na utilização da plataforma Atlas das Baixadas, o circuito foi desenhado para capacitar moradores, lideranças comunitárias e jovens pesquisadores no uso de ferramentas de mapeamento e análise geoespacial. As oficinas foram estruturadas em módulos práticos que abordaram desde o uso básico da plataforma até técnicas avançadas de desenho e anotação, permitindo aos participantes mapear áreas de risco, infraestruturas comunitárias e ativos ambientais em seus próprios territórios.

Realizadas em escolas públicas, como o Colégio Vilhena Alves, em universidades, como a Universidade Federal da Bahia (UFBA), em comunidades periféricas como a Baixada da Terra Firme, e também em espaços de poder, como a Blue Zone da UNFCCC, as oficinas alcançaram um público diverso. A metodologia combinou a formação técnica com dinâmicas participativas para a identificação de problemas locais e a co-criação de propostas de solução, fortalecendo o engajamento social e a construção coletiva de uma base de dados territorial qualificada.

OBSERVATÓRIO
DAS BAIXADAS

COLABORAÇÃO E COMUNIDADES

VEJA NOSSA ATUAÇÃO NO CIRCUITO



observatoriobasixadas

Áudio original



observatoriobasixadas 🌱🌍 A primeira oficina presencial do Observatório das Baixadas aconteceu em Belém!

Realizada na Usina da Paz da Terra Firme, essa roda de trocas e construção coletiva teve como foco o aprimoramento do Atlas das Baixadas — uma ferramenta viva para mapear as realidades das periferias e fortalecer a luta por justiça ambiental e climática.

Foi só o começo. 🌱

Vêm outras por aí — fica de olho nas próximas oficinas! Juntas e juntos, seguimos construindo o futuro que queremos. ❤️

#JustiçaAmbiental #JustiçaClimática #BaixadasVivas
#PeriferiaÉPotência #ObservatórioDasBaixadas

30 sem



mmartha.stussi Sensacional demais!! 🔥🔥

30 sem 2 curtidas Responder

Turbinar reel



Curtido por amsleal e outras 154 pessoas

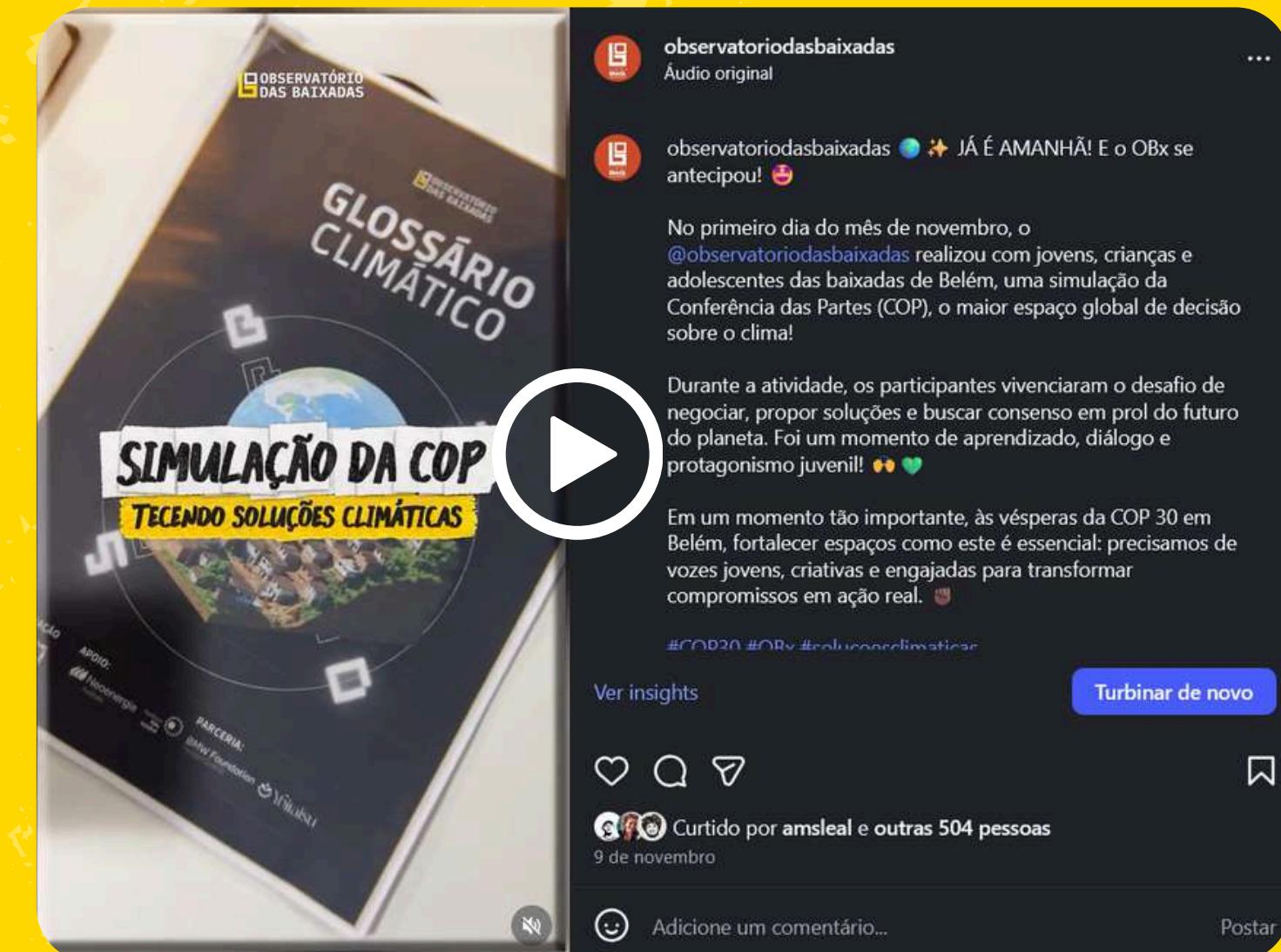
13 de maio

FORMAÇÃO DE PESQUISADORES PERIFÉRICOS E MOBILIZAÇÃO JUVENIL

A estratégia de formação também se voltou para dentro da própria organização e para o ecossistema de jovens ativistas. A Trilha Formativa dos Bolsistas, iniciada no primeiro trimestre de 2025, foi um processo intensivo de capacitação da equipe de pesquisadores do OBx em ferramentas de análise geoespacial, metodologias de pesquisa e conceitos de vulnerabilidade socioambiental. Este processo foi fundamental para garantir a qualidade técnica dos produtos do Observatório e para consolidar uma equipe de especialistas formada por jovens dos próprios territórios de atuação.

Em novembro de 2025, em uma parceria com o Global Fund for Children através do projeto Tecendo Soluções Climáticas, o OBx realizou uma simulação da COP 30 para 20 jovens de periferias de Belém. A atividade teve como objetivo desmistificar os processos de negociação climática global e preparar uma nova geração de ativistas para incidir nesses espaços, combinando formação política com treinamento prático em advocacy.

ASSISTA COMO FOI



DIÁLOGO E ESCUTA TERRITORIAL

O segundo pilar da co-criação é a manutenção de um canal de diálogo e escuta permanente com as comunidades. A premissa é que as soluções mais eficazes são aquelas que emergem das necessidades e aspirações dos próprios moradores. Para isso, o OBx promoveu uma série de ações focadas na imersão territorial e no diálogo qualificado.

IMERSÕES E VIVÊNCIAS TERRITORIAIS

Ao longo do ano, a equipe do OBx realizou diversas imersões em territórios estratégicos. Em outubro de 2025, a 3ª Imersão do Observatório das Baixadas, realizada na Ilha de Cotijuba, combinou o planejamento estratégico interno com momentos de escuta e diálogo com a comunidade local. Em setembro, uma imersão em Heliópolis (SP), no âmbito da parceria com o UNICEF, permitiu uma rica troca de experiências sobre os desafios e potências das periferias de diferentes metrópoles brasileiras.

Essas vivências são cruciais para a metodologia do OBx. Elas permitem que a equipe compreenda as nuances da vida cotidiana nos territórios, valide hipóteses de pesquisa, identifique demandas não verbalizadas e construa relações de confiança com as lideranças e moradores. É a partir dessa escuta qualificada que os projetos e tecnologias do Observatório são desenhados e ajustados.

O OBx também atuou como um articulador de diálogos dentro e a partir das comunidades. Em novembro de 2025, durante a COP 30, a organização promoveu um evento na Casa do Povo, em Belém, em parceria com o Instituto Fogo Cruzado e o Instituto Marcinho Megas Kamaradas. O debate, focado na relação entre dados, segurança pública e justiça social, utilizou o Atlas das Baixadas como um exemplo de como a autonomia tecnológica pode fortalecer a luta por direitos nas periferias.

Outro momento importante foi o lançamento do livro "Periferias e Racismo Ambiental" na Yellow Zone do Jurunas, um espaço comunitário e cultural durante a COP 30. A escolha do local foi uma decisão política: lançar uma produção de conhecimento no coração de um território periférico, garantindo que o debate chegasse diretamente àqueles que são os protagonistas da publicação.

ASSISTA AO LANÇAMENTO DO LIVRO DAS PERIFERIAS



midianinja e outros 3
Áudio original



midianinja Teve Yellow Zone na COP 30! O PerifaConnection lançou o livro "As Periferias e o Combate ao Racismo Ambiental: Tecnologias de Sobrevivência e Luta pelo Bem Viver" em evento realizado no Gueto Hub, no Jurunas, em Belém (PA). A cerimônia integrou a programação paralela da COP30 e reuniu jovens, lideranças locais e representantes de movimentos periféricos.

Além do lançamento formal da obra, a tarde contou com atividades culturais, distribuição de alimentos e apresentações que mesclaram carimbó e rock, celebrando a diversidade cultural das periferias e o protagonismo de jovens negros na construção de alternativas socioambientais.

Imagens: @raila.sza @oliverninja
Edição: @raila.sza

A cobertura NINJA teve apoio da Fundação Heinrich Böll (@bollbrasil). Acompanhe mais da #NINJAAnaCOP30 no @climax.now e @casaninjaamazonia.

#COP30 #NINJACollaborativeCoverage

3 sem



Curtido por amsleal e outras pessoas

20 de novembro



Adicione um comentário...

Postar

VISIBILIDADE E VALORIZAÇÃO DOS TERRITÓRIOS

O terceiro pilar da estratégia de co-criação é a utilização da plataforma do OBx para dar visibilidade às narrativas, culturas e desafios das comunidades. Trata-se de usar a comunicação e a tecnologia como ferramentas para disputar a imagem pública das periferias, combatendo estigmas e valorizando seus ativos.

A COMUNIDADE COMO FONTE E PROTAGONISTA

A gravação de um documentário com a BBC Storyworks no início de 2025 é um exemplo emblemático desta frente de atuação. A equipe do OBx conduziu os jornalistas por territórios como a Vila da Barca, garantindo que a narrativa fosse construída a partir da perspectiva dos moradores e que o foco estivesse nas soluções e resiliências locais, e não apenas nas carências. Da mesma forma, a visita de campo com o jornal sul-coreano The Hankyoreh à Terra Firme e ao Quilombo do Abacatal, em novembro de 2025, foi uma oportunidade de mostrar a um público internacional os impactos concretos das obras da COP 30, dando voz às críticas e preocupações das comunidades afetadas.

Essas ações posicionam o OBx como uma ponte confiável entre os territórios e a mídia global, garantindo que as histórias das baixadas sejam contadas com dignidade, complexidade e protagonismo de seus próprios habitantes.

OBSERVATÓRIO
DAS BAIXADAS

IMPACTO

A DIMENSÃO DO IMPACTO: ANÁLISE DE MÉTRICAS E ALCANCE

PARA ALÉM DOS NÚMEROS, A CONSOLIDAÇÃO DE UM MOVIMENTO

A avaliação de impacto de uma organização da sociedade civil transcende a mera contabilidade de produtos e entregas. Medir o alcance significa, fundamentalmente, compreender a dimensão da influência, a capilaridade da mensagem e a capacidade de mobilização que uma iniciativa que se constrói ao longo do tempo. Para o Observatório das Baixadas, os números não são um fim em si mesmos, mas sim um termômetro que afere a ressonância de uma tese central: a de que a ciência periférica, aliada à tecnologia e ao advocacy, é uma ferramenta potente de transformação social e climática.

Este capítulo se debruça sobre os dados consolidados de alcance e engajamento do OBx em seu primeiro ano de atuação (Outubro de 2024 a Dezembro de 2025). A análise que se segue busca não apenas apresentar quantitativos, mas contextualizá-los dentro da estratégia de crescimento da organização, que se desdobra em duas frentes complementares: a construção de um ecossistema digital robusto para o alcance indireto e a promoção de ações de engajamento direto nos territórios. **O resultado é a fotografia de um movimento em plena expansão, que consolida sua legitimidade tanto nas redes quanto nas ruas.**

O ECOSISTEMA DIGITAL

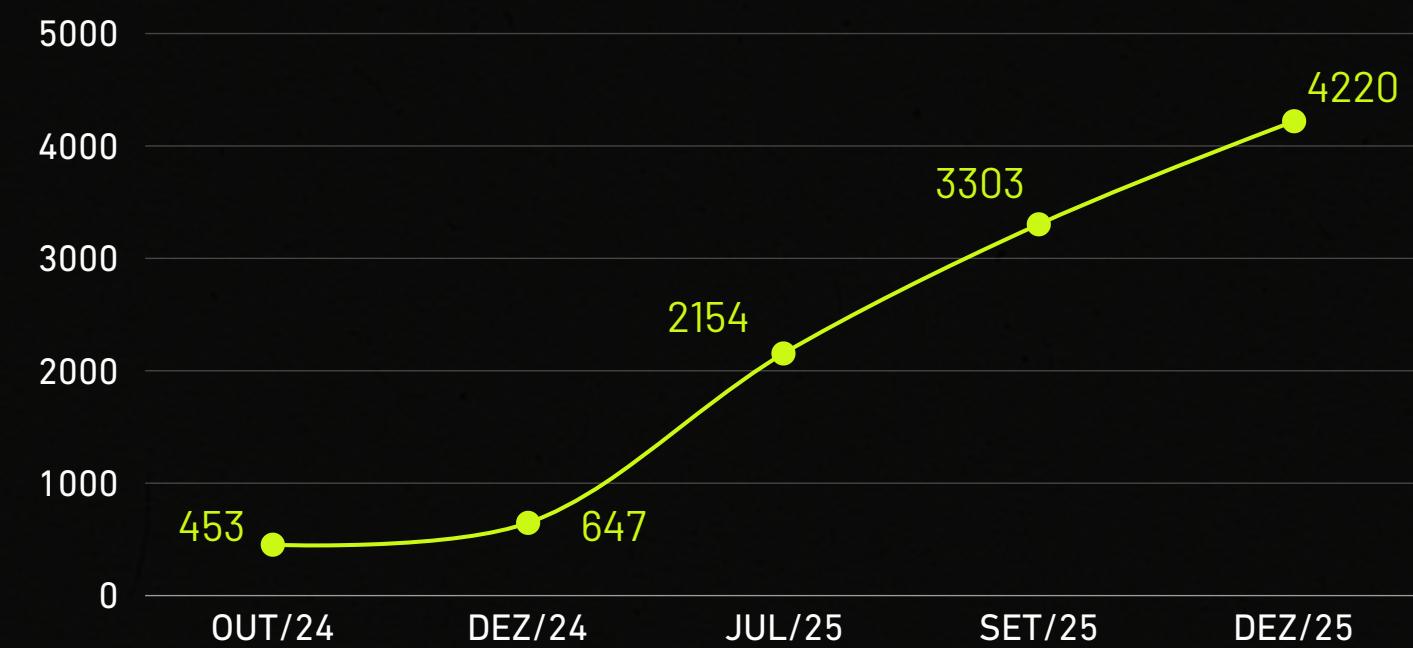
A estratégia digital do Observatório das Baixadas foi desenhada para construir uma base sólida de alcance indireto, estabelecendo a organização como uma fonte de referência em justiça climática, racismo ambiental e ciência de dados aplicada a periferias. Este ecossistema é composto principalmente pelo perfil no Instagram, que funciona como principal canal de comunicação e engajamento, e pelo site institucional, que atua como um hub de informações e repositório de conhecimento.

INSTAGRAM: O MOTOR DO CRESCIMENTO EXPONENCIAL

O crescimento do perfil @observatoriodasbaixadas no Instagram é o indicador mais evidente da rápida expansão da organização. Em um período de 14 meses, o OBx saltou de 453 seguidores em outubro de 2024 para 4.220 seguidores em dezembro de 2025, um crescimento exponencial de 831%.

CRESCIMENTO DE SEGUIDORES NO INSTAGRAM

ANÁLISE DE OUTUBRO DE 2024 - DEZEMBRO DE 2025

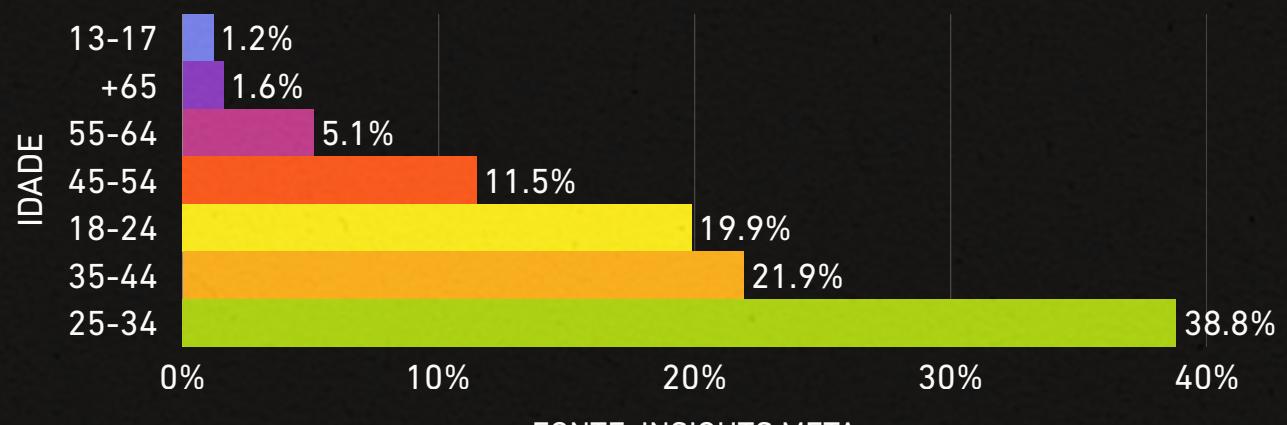


Mais relevante que o número de seguidores é a capacidade de furar a bolha. Ao longo do ano, **as publicações do OBx alcançaram um total de 221.177 contas únicas, gerando 830.484 visualizações.** Um dado crucial para a análise de impacto é a taxa de alcance de não-seguidores, que se manteve consistentemente alta, variando entre 73,4% e 95,1%. Isso demonstra que o conteúdo produzido pelo Observatório possui alta relevância e capacidade de viralização, sendo compartilhado e distribuído para muito além de sua base imediata de seguidores.

O perfil demográfico da audiência revela um público qualificado e alinhado aos temas da organização. **A maioria é composta por mulheres (64,6%).** Geograficamente, há uma forte concentração em Belém (34,3%), o que indica um profundo enraizamento local, mas também uma presença significativa em outros grandes centros urbanos como Rio de Janeiro (10,1%) e São Paulo (6,3%), consolidando a relevância nacional do debate proposto pelo OBx.

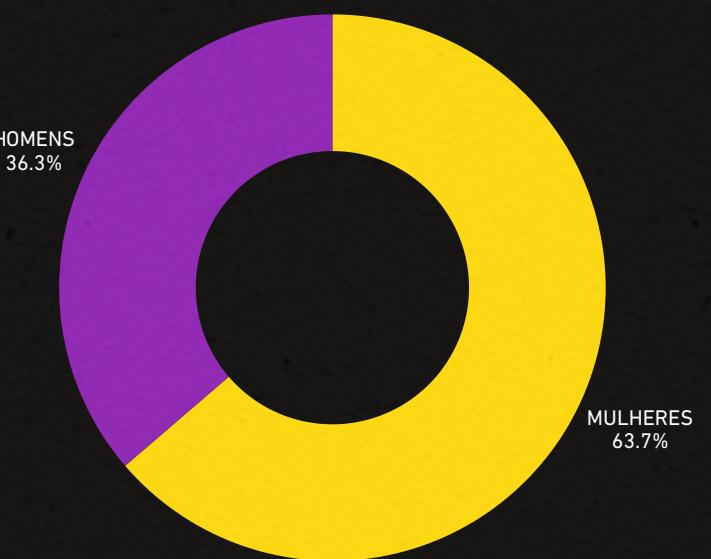
O perfil demográfico da audiência revela um público alinhado aos temas da organização. A maioria é composta por **adultos jovens na faixa de 25 a 44 anos (62,4%),** um grupo com alto potencial de engajamento e mobilização.

SEGUIDORES DO INSTAGRAM DISTRIBUIÇÃO POR FAIXA ETÁRIA



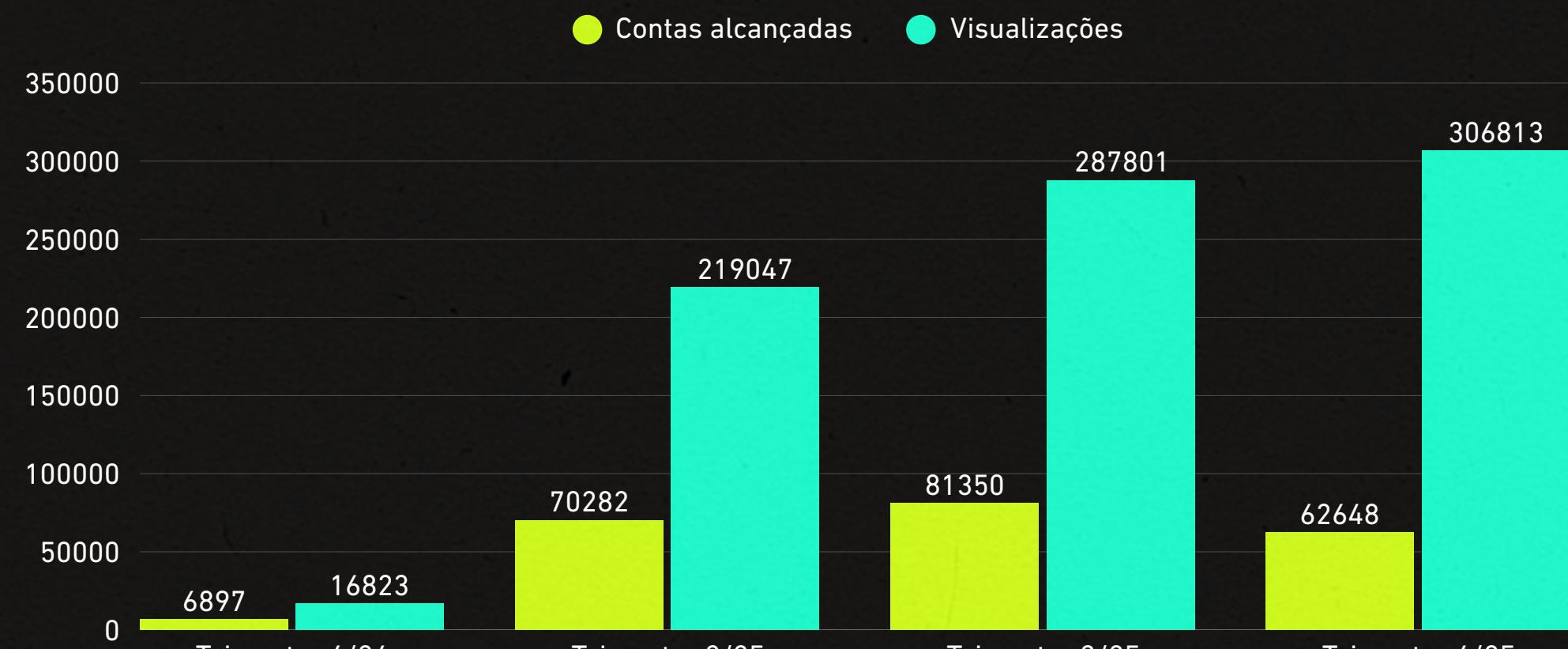
FONTE: INSIGHTS META

DISTRIBUIÇÃO POR GÊNERO SEGUIDORES DO INSTAGRAM



ALCANCE E VISUALIZAÇÃO POR TRIMESTRE

INSTAGRAM | 0Bx



FONTE: INSIGHTS META

HUB DE ALCANCE GLOBAL

SITE INSTITUCIONAL

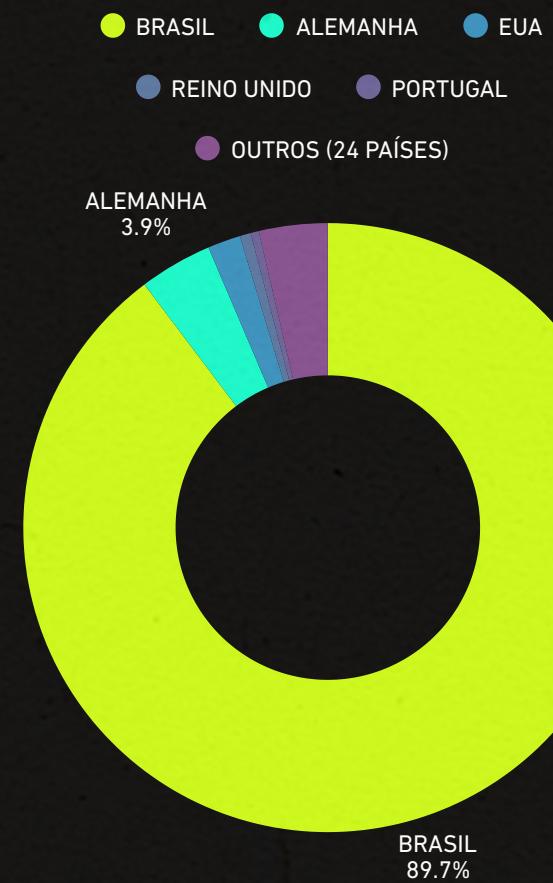
Se o Instagram é o motor da comunicação diária, o site observatoriodasbaixadas.org se consolidou como o pilar central do conhecimento da organização. Ao longo de um ano, o site recebeu **1.565 visitantes únicos que realizaram 2.655 sessões, gerando quase 4.000 visualizações de página**. A duração média da sessão, de 4 minutos e 45 segundos, é um indicador de alto engajamento, mostrando que os visitantes não apenas chegam ao site, mas consomem seu conteúdo de forma aprofundada.

O alcance do site超越了国界, registrando **acessos de 29 países**. Embora o Brasil represente 91% do tráfego, a presença de visitantes da Alemanha (153 visualizações), Estados Unidos (69) e Reino Unido (23) demonstra o interesse internacional pela metodologia e pelas pautas do Observatório.

Um dado particularmente inovador é o **tráfego originado de plataformas de Inteligência Artificial** (1,4%), como ChatGPT e Perplexity AI.

Isso sugere que o **OBx já está sendo citado e referenciado como fonte primária por modelos de linguagem**, um sinal de sua crescente legitimidade técnica.

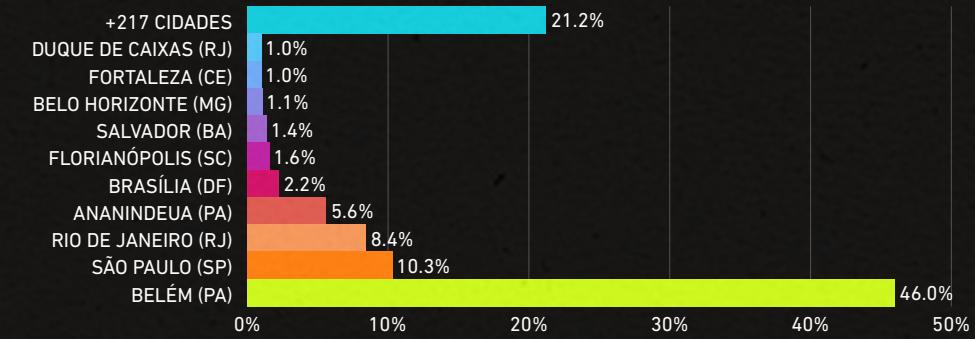
ACESSOS AO WEBSITE
DISTRIBUIÇÃO POR PAÍS



MAPA MUNDI DOS PAÍSES ONDE HOUVE
ACESSO AO SITE DO OBx



ACESSOS AO WEBSITE
DISTRIBUIÇÃO POR CIDADES DO BR (TOP 10)



MAPA DAS
CIDADES DO
BRASIL ONDE
HOUVE ACESSO
AO SITE DO OBx

ENGAJAMENTO DIRETO E CO-CRIAÇÃO

AÇÕES COM AS COMUNIDADES

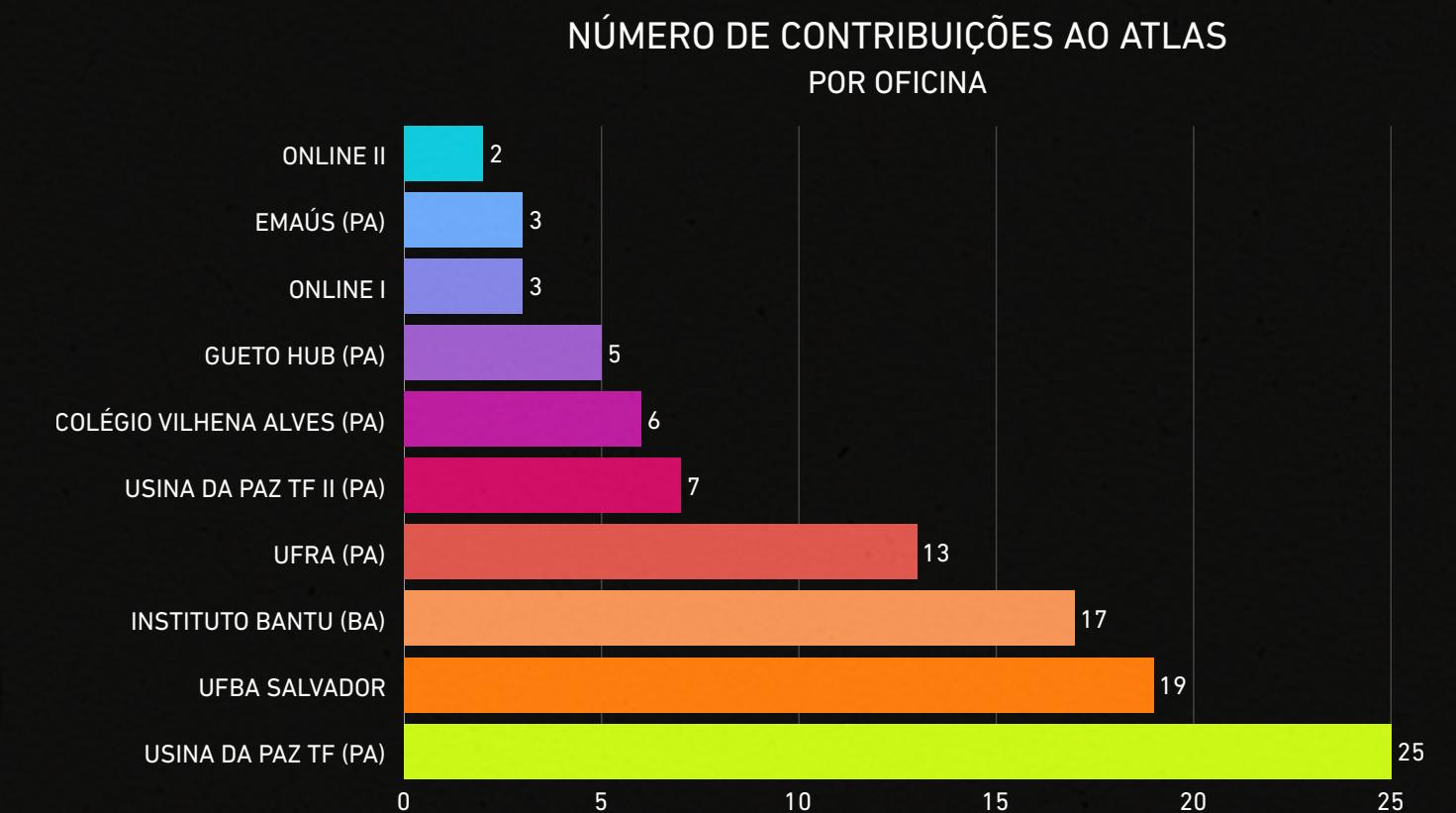
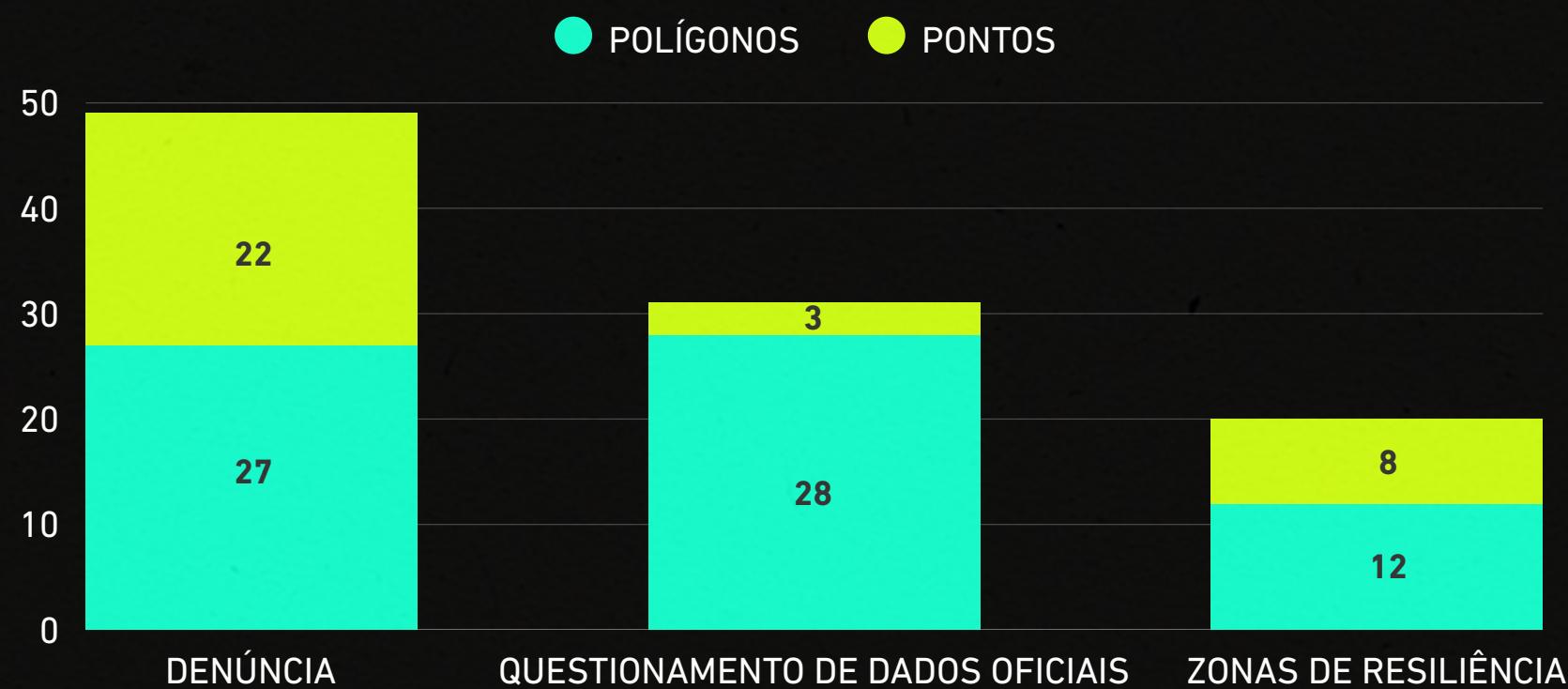
Paralelamente à construção do ecossistema digital, o coração da metodologia do OBx reside no engajamento direto com as comunidades. Este impacto é medido através de indicadores que capturam a participação em eventos, formações e processos de co-criação. Ao longo do período, o Observatório impactou diretamente 667 pessoas.

Este número, consolidado pela equipe para evitar duplicidades entre as diferentes ações, representa a soma de participantes em uma vasta gama de atividades, incluindo:

- **Oficinas de Mapeamento Colaborativo:** 180 pessoas participaram das 10 oficinas de mapeamento que resultaram em 100 contribuições validadas para o Atlas das Baixadas. Esses participantes não foram meros espectadores, mas agentes ativos na produção de conhecimento, gerando dados sobre seus próprios territórios.
- **Formações e Capacitações:** Inclui os jovens bolsistas que passaram por trilhas formativas, os participantes da simulação da COP 30 e os envolvidos em workshops sobre análise de dados, mudanças climáticas e advocacy.
- **Diálogos e Imersões Territoriais:** Abrange os participantes de imersões na Ilha de Cotijuba (PA), Belém (PA), Rio de Janeiro (RJ), Salvador(BA), Vera Cruz (BA) e em Heliópolis(SP), bem como os presentes em diálogos comunitários.

667 pessoas diretamente impactados pelo OBx

CONTRIBUIÇÕES VALIDADAS NO ATLAS DAS BAIXADAS DISTRIBUIÇÃO POR TIPO DE GEOMETRIA E TIPO DE CONTRIBUIÇÃO



SÍNTESE DO ALCANCE

UM OLHAR INTEGRADO

A combinação dos beneficiários diretos e indiretos oferece uma visão panorâmica do alcance total do Observatório das Baixadas em seu primeiro ano. A tabela abaixo consolida os números, ilustrando a escala do impacto gerado.

CATEGORIA DE IMPACTO	MÉTRICA PRINCIPAL	QUANTIDADE TOTAL
BENEFICIÁRIOS DIRETOS	Pessoas em formações, oficinas e diálogos	667 pessoas
BENEFICIÁRIOS INDIRETOS	Alcance digital (Site + Instagram)	*222.742 pessoas
TOTAL GERAL	Pessoas em formações, oficinas e diálogos	223.409 pessoas

* OS DADOS PODEM APRESENTAR IMPRECISÃO. NÃO HÁ COMO SABER SE UMA MESMA PESSOA UTILIZOU MAIS DE UMA CONTA PARA ACESSAR O MESMO CONTEÚDO MAIS DE UMA VEZ. AS PLATAFORMAS DE INSIGHT NÃO CONSEGUEM DISTINGUIR QUANDO OCORRE ESSA SITUAÇÃO.

Ao longo de seus primeiros 14 meses de operação, de outubro de 2024 a novembro de 2025, o Observatório das Baixadas demonstrou uma notável capacidade de execução e uma intensa agenda de atuação, **totalizando 58 ações estratégicas documentadas**. Este volume de atividades reflete uma teoria de mudança que integra, de forma equilibrada, múltiplos eixos de intervenção. **A maior parte dos esforços, com 25 ações, foi direcionada para o advocacy e a incidência política**, consolidando a presença do OBx em arenas de governança climática que vão desde conferências locais até os espaços de negociação global das COPs 29 e 30. Em paralelo, **a organização manteve um profundo enraizamento territorial através de 15 ações de formação e oficinas comunitárias**, com destaque para o circuito de capacitação do Atlas das Baixadas, e outras 10 ações de co-criação e diálogo, garantindo que a produção de conhecimento e as estratégias de incidência fossem continuamente alimentadas pelas demandas e saberes locais. Completando este ciclo, **8 ações de articulação institucional fortaleceram a rede de parceiros e a sustentabilidade do ecossistema**. Essa distribuição evidencia um modelo de atuação que não dissocia a base do topo, mas que constrói sua legitimidade técnica e política justamente na conexão permanente entre a ação comunitária e a incidência em alta escala.

58 AÇÕES ESTRATÉGICAS

CONCLUSÃO E PERSPECTIVAS

A análise das métricas de 2024-2025 revela uma organização que, em pouco tempo, construiu uma base sólida de impacto e alcance. O crescimento de 831% no Instagram, o alcance internacional do site e o engajamento direto de 667 pessoas em processos de co-criação não são feitos isolados, mas sim o resultado de uma estratégia coesa e bem executada. É crucial notar que estes números representam apenas o início da jornada, e portanto, o impacto massivo dessas ferramentas como canais de alcance indireto ainda será mensurado nos próximos ciclos.

A expectativa é de um crescimento exponencial no número de beneficiários indiretos, à medida que milhares de usuários começarem a interagir com os dados e as oportunidades disponibilizadas. **Os números apresentados neste capítulo, portanto, não são um ponto de chegada, mas sim a plataforma de lançamento para um impacto ainda maior nos anos que virão.**

OBSERVATÓRIO DAS BAIXADAS

MU
NDO
IR



ALMA PRETA JORNALISMO

AS BAIXADAS DE BELÉM: UMA LUTA INVISIBILIZADA ÀS VÉSPERAS DA COP30

Para os movimentos sociais de Belém, espera-se que a COP 30 não seja lembrada como um mero espetáculo para os olhos internacionais, mas como um marco de escuta e de reparação real com as populações das baixadas.

As baixadas de Belém: uma luta invisibilizada às vésperas da COP30

As baixadas em Belém são comunidades periféricas assim como as favelas, porém localizadas em áreas de terreno baixo e alagadiço.

AlmaPreta / 13 de mai.



AS BAIXADAS de Belém: uma luta

As baixadas em Belém são comunidades periféricas assim como as favelas, porém localizadas em áreas de terreno baixo e alagadiço.

UM SÓ PLANETA

Desde a fundação, o Observatório das Baixadas realizou 15 oficinas de educação ambiental em escolas, centros comunitários e ONGs em Salvador e Vera Cruz, na Bahia, e em Belém, Ananindeua e Abaetetuba, no Pará. O trabalho desenvolvido pelo Observatório conta com apoio institucional do Instituto Neoenergia.



Coletivo cria oficinas sobre crise climática para periferias: 'Quando o evento climático extremo chega à comunidade, gera colapso'

Observatório das Baixadas, fundado no Pará, desenvolveu um Atlas para população enviar denúncias e informações de problemas ambientais nas suas cidades

G O Globo / 15 de out.

IPAM AMAZÔNIA

Em Belém (PA), o OBx (Observatório das Baixadas) surge com essa missão: fomentar debates sobre os desafios que marcam o cotidiano das baixadas e periferias amazônicas, valorizando o conhecimento científico e tecnológico produzido por quem vive esses espaços. Assim, o observatório se dedica a compreender e discutir as questões sociais, ambientais e as dinâmicas que estruturam a vida periférica.

LEIA NA ÍNTÉGRA



Observatório das Baixadas conecta ciência e comunidades no Pará

Iniciativa fortalece comunidades periféricas e produz dados climáticos para orientar políticas públicas na região amazônica.



IPAM Amazônia / 1 de dez.

THE HANKYOREH - COREIA DO SUL

OS IMPACTOS DAS OBRAS DA COP 30 NAS COMUNIDADES VULNERABILIZADAS DE BELÉM

"Para nós, a Amazônia e a natureza são a própria vida." Eles também disseram que o lema da comunidade, "O futuro é possível quando não destruímos o presente para ganhar mais", corre o risco de ser destruído.

[현장] “300년 터잡은 아마존 숲
불도저로 절단...보호한다더니, 명백한
위선”

유엔 기후총회 개최지 브라질 벨렝 가보니

기원 기자

2025-11-14 09:49 | 등록 2025-11-11 07:00

기사를 읽어드립니다

5:48 ▶ ⓘ



리스타가 마을을 설명하고 있다. 옥기원 기자



OBSERVATÓRIO DAS BAIXADAS

NA MÍDIA



Observatório das Baixadas soma ciência e comunidades no Pará

Em meio às discussões da COP30, iniciativas como o Observatório das Baixadas ganham relevância por atuarem de forma próxima às comunidades

Portal Amazônia / 11:00



Uma Belém repaginada para moradores e turistas

Cidade recebeu obras bilionárias para abrigar a COP. População elogia melhora em infraestrutura e instalações culturais, mas quem vive na periferia quer mais avanços

O Globo / 2 de dez.



Observatório das Baixadas conecta ciência e comunidades no Pará

Iniciativa fortalece a voz das periferias amazônicas na agenda de enfrentamento à crise climática Por Suellen Nunes Com o fim da COP30 e de mais um ciclo de negociações internacionais sobre a crise climática, experiências locais reforçam...

Carta Amazônia / 3 de dez.



ESPAÇO DOS PARCEIROS

A construção de um ecossistema de impacto, capaz de gerar transformações sistêmicas e sustentáveis, transcende a capacidade de uma única organização. Ela se fundamenta na criação de um capital relacional robusto, na articulação de alianças estratégicas e na partilha de uma visão de futuro comum. O trabalho do Observatório das Baixadas, detalhado ao longo deste balanço, só se torna possível e escalável através da confiança e do investimento de um conjunto diversificado de apoiadores.

Este capítulo é dedicado a eles. Mais do que um espaço de agradecimento, esta é uma plataforma para dar voz aos nossos parceiros, permitindo que compartilhem suas perspectivas sobre a relevância estratégica do Observatório, o impacto da nossa atuação conjunta e a importância de investir em modelos de ciência e tecnologia que emergem das próprias comunidades. As falas a seguir não são apenas depoimentos; são reflexos de um diálogo contínuo e a materialização de uma rede que acredita e fomenta o protagonismo periférico na agenda climática e social.



“Apoiar o Observatório das Baixadas nasce diretamente da nossa missão: contribuir para a transformação social de pessoas e territórios, reconhecendo o protagonismo da cultura e da juventude na construção de futuros mais justos. Acreditamos no potencial da juventude periférica para liderar processos transformadores, e o OBx expressa isso com potência — um projeto criado e conduzido por jovens de periferias de baixada que vivenciam os impactos da crise climática e transformam essa experiência em ação, conhecimento e resiliência. Apoiar o OBx é apoiar essa juventude e suas soluções para os desafios dos seus territórios.

O que gostaria de reafirmar é o poder das redes e das conexões verdadeiras que surgem quando as pessoas se reconhecem em suas histórias e decidem construir caminhos coletivos. Ver isso nas oficinas, nos diálogos, na música e nas narrativas foi profundamente transformador e reforça algo em que sempre acreditamos: nenhuma transformação acontece de forma isolada. Nossa apoio não é a solução completa — é ferramenta, impulso e parceria — e cabe à comunidade construir seu próprio caminho. Por isso, seguimos chegando aos territórios com escuta ativa e parceria genuína.

Para encerrar, deixo a frase que me acompanhou durante o encontro na Bahia, dita pelo mestre Roxim: “A gente precisa ter referências do passado para conseguir construir o futuro.” Honrar quem veio antes, fortalecer o presente e abrir possibilidades para um futuro mais belo e resiliente.”



Neoenergia
Instituto

RENATA CHAGAS

DIRETORA-PRESIDENTE DO INSTITUTO NEOENERGIA



“O Instituto Ybiraísu é movido pela vontade de fortalecer comunidades, contribuindo para o desenvolvimento institucional de organizações periféricas e para difusão de projetos e práticas transformadoras do terceiro setor.

É por isso que a Ybiraísu atua como Fiscal Sponsor do Observatório das Baixadas.

Essa parceria gerencial garante que o Observatório possa:

- Focar no Impacto Comunitário: Livre das complexidades burocráticas e obrigações fiscais, o Observatório direciona toda a sua energia para a capacitação de comunidades e a melhoria da qualidade de vida nas Baixadas.*
- Assegurar Transparência e Conformidade: A Ybiraísu garante que todos os recursos sejam administrados com rigor, transparência e em estrita conformidade com a legislação do Terceiro Setor, um pilar fundamental para a credibilidade junto a doadores e parceiros.”*

EQUIPE DO INSTITUTO YBIRAISSU



“A OBx tem se afirmado como uma organização fundamental no campo da justiça urbana, combinando consistência técnica, enraizamento territorial e capacidade de articulação em diferentes espaços de influência. A atuação recente com o Atlas das Baixadas representou um ponto de virada em sua projeção pública, ampliando parcerias estratégicas e fortalecendo sua presença em espaços de debate e incidência. A organização tem avançado com autonomia e consistência na ampliação de sua estrutura e capacidade de atuação, qualificando a produção de conhecimento e aprofundando sua presença em espaços estratégicos, em uma trajetória que evidencia maturidade, compromisso e a potência transformadora de iniciativas que atuam com rigor, visão coletiva e responsabilidade social.”



FABIANA TOCK

COORDENADORA DO PROGRAMA CIDADES E
DESENVOLVIMENTO URBANO



"O Observatório das Baixadas tem um papel crucial em fortalecer a resiliência climática das comunidades mais expostas à urgente mudança do clima, por meio de pesquisa rigorosa, tecnologia e novas narrativas. Está sendo um prazer apoiar o fortalecimento e a expansão do Observatório para mais territórios, por meio de sua participação na Plataforma de Ação Colaborativa do Brasil, iniciada pela BMW Foundation Herbert Quandt. Acreditamos no poder de transformação de iniciativas como esta, que vencem barreiras no espaço urbano."

BMW Foundation THIAGO SOUZA DA COSTA
Herbert Quandt

HEAD DE REDE E CO-LEADER DA PLATAFORMA
DE AÇÃO COLABORATIVA DO BRASIL, BMW
FOUNDATION HERBERT QUANDT



O UNICEF Brasil, por meio do programa Tecendo Futuros, reconhece no Observatório das Baixadas (Obx) um parceiro estratégico na região Amazônica. Essa colaboração se consolidou no desenvolvimento de tecnologias inspiradas nos princípios dos bens públicos digitais. No âmbito da parceria, foi desenvolvida a solução Tecendo Baixadas, que, por meio de uma rede colaborativa, conecta adolescentes e jovens a oportunidades de inclusão produtiva na economia verde. Para além do desenvolvimento tecnológico, a iniciativa fortaleceu a autodeterminação das juventudes no uso das tecnologias: são os próprios jovens que produzem dados, criam soluções e orientam os caminhos de inovação em seus territórios. Ao promover ciência feita por jovens da Amazônia sobre a Amazônia, a parceria entre UNICEF e Obx contribui para gerar conhecimento situado, qualificar políticas públicas e ampliar oportunidades de participação e renda nas periferias de Belém.” Felipe Gonzalez - Oficial de Inovação do UNICEF Brasil



FELIPE GONZALEZ
OFICIAL DE INOVAÇÃO DO UNICEF BRASIL



Para o Global Fund for Children (GFC), a parceria com o Observatório das Baixadas tem sido profundamente significativa. Desde o início, temos buscado construir essa relação com cuidado e respeito, reconhecendo a autonomia do grupo e sua forma própria de organização no território.

Apoiar o Observatório reafirma nosso compromisso institucional de garantir que as comunidades possam falar por si e liderar soluções que respondam à sua realidade. Acreditamos que quem vive diariamente os efeitos das desigualdades socioambientais é quem melhor comprehende os desafios e as potências do territórios e, portanto, quem deve estar à frente da produção de conhecimento e da construção de respostas.

Essa parceria também transforma o GFC. As metodologias, análises e mobilizações do Observatório nos ensinam sobre formas mais justas, críticas e comunitárias de enfrentar a crise climática. A atuação do grupo trás caminhos concretos para romper estruturas que historicamente silenciam as periferias e baixadas.

Por isso, ter o Observatório das Baixadas como um dos grupos apoiados pelo Programa Tecendo Soluções Climáticas é motivo de orgulho. Mesmo em pouco tempo, esta parceria já se tornou referência na nossa atuação por justiça climática com e para as juventudes, fortalecendo nossa i



THALITA SILVA
COORDENADORA DE PROGRAMA

**OBSERVATÓRIO
DAS BAIXADAS**

Carta Final de Agradecimento

Ao longo das páginas deste Balanço Anual, compartilhamos resultados, processos, aprendizados e impactos que só se tornaram possíveis graças a uma rede diversa de apoios, parcerias e encontros construídos com confiança, diálogo e compromisso. Cada organização apoiadora apresentada neste documento não apenas acreditou no Observatório das Baixadas, mas escolheu caminhar ao nosso lado, reconhecendo a potência de iniciativas que nascem dos territórios e colocam a justiça climática, social e racial no centro da ação. Somos profundamente gratos por cada apoio institucional, financeiro, técnico e político que fortaleceu nossa capacidade de sonhar e de realizar.

Os depoimentos reunidos nas páginas finais deste balanço traduzem algo que vai além de parcerias formais: expressam vínculos construídos a partir de valores compartilhados, da escuta mútua e do reconhecimento de que transformações reais exigem tempo, presença e corresponsabilidade. A cada organização que confiou em nosso trabalho, que abriu portas, compartilhou saberes, tensionou caminhos e apostou em soluções lideradas por jovens periféricos, deixamos aqui nosso sincero agradecimento. Vocês ajudaram a consolidar o OBx como um espaço vivo de produção de conhecimento, tecnologia social e incidência política enraizada nas baixadas.

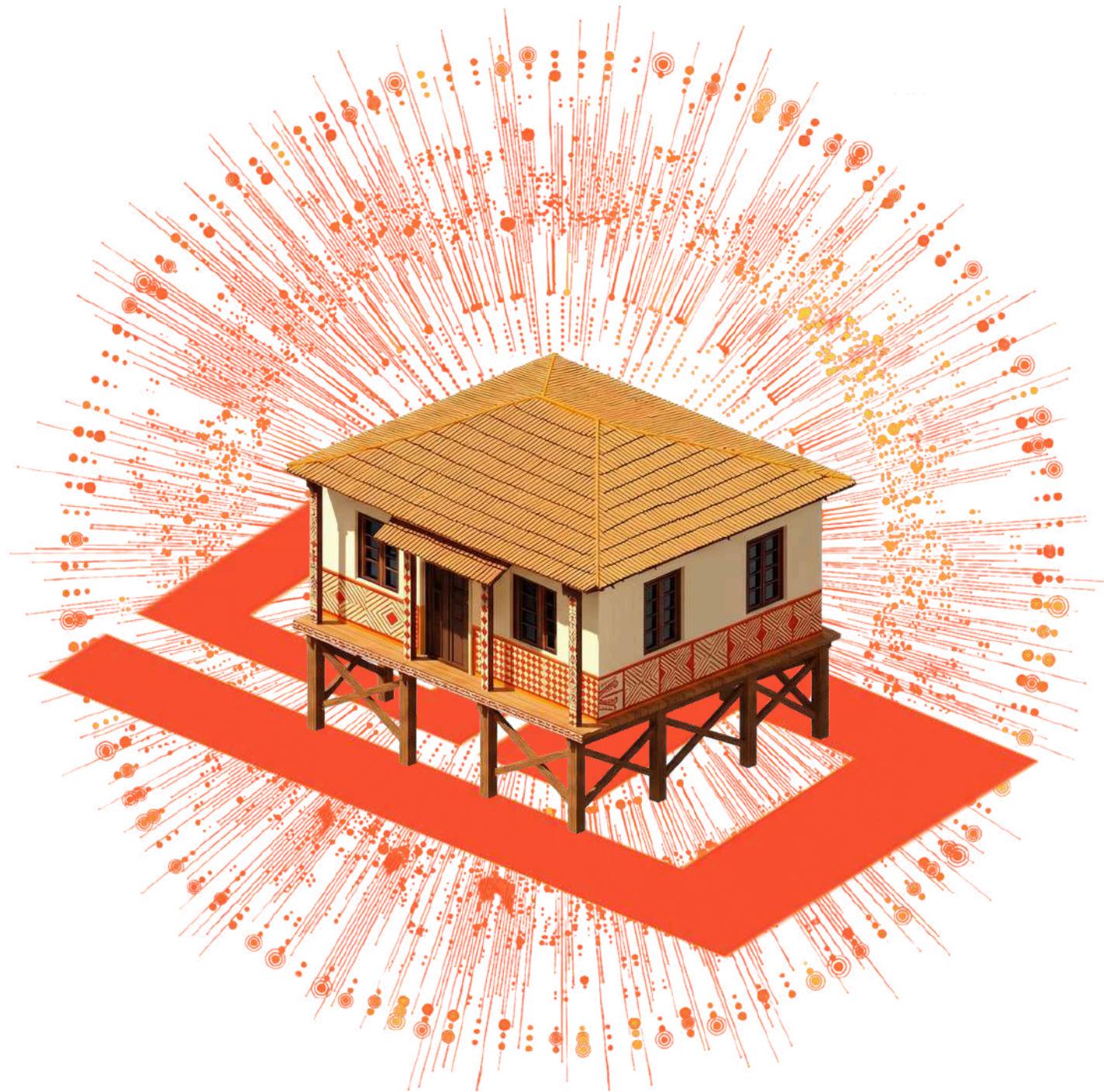
Ao final, estendemos esse agradecimento a todas as pessoas, coletivos, comunidades, pesquisadoras e pesquisadores, comunicadoras e comunicadores, lideranças locais, artistas, educadores, ativistas e aliadas que, de diferentes formas, trilharam caminhos conjuntamente com o Observatório das Baixadas. Nem todos aparecem nominalmente nestas páginas, mas cada passo dado, cada troca realizada e cada gesto de cuidado e colaboração ajudou a sustentar este projeto coletivo. O OBx é feito de encontros — e é a força dessas conexões que nos permite seguir transformando dados em ação, vulnerabilidade em potência e território em futuro.

Andrew Leal

Idealizador, Cofundador e Coordenador Geral do OBx

Waleska Queiroz

Idealizadora, Cofundadora e Coordenadora de Relações Públicas e Institucionais do OBx



DA AMAZÔNIA PARA O MUNDO
FROM THE AMAZON TO THE WORLD

**OBSERVATÓRIO
DAS BAIXADAS**

observatoriodasbaixadas.org
@observatoriodasbaixadas